

ABECEDARIO  
REAL,

E REGIA INSTRUCÇAM  
de Principes Lusitanos,

*Composto de 63. discursos Politicos, & Moraes:*

OFFERECIDO  
AO SERENISSIMO PRINCIPE  
DOM JOAM N.S.

*Livraria d'Alcobaça.*



M. R. P. Fr. JOAM DOS PRAZERES,  
Pregador Gèral, & Chronista mòr da  
Religião do Principe dos Patriarcas  
SAM BENTO.

L I S B O A.

*Com todas as licenças necessarias.*

Na Officina de MIGUEL DESLANDES,  
Impressor de S. Magestade. Anno 1692.

ABRIL 1800

REPUBLICA

DE LA REVOLUCION

FRANCO-ESPAÑOLA

del Principado de Asturias

CONSEJO DE GOBIERNO

DE LA REVOLUCION

FRANCO-ESPAÑOLA

del Principado de Asturias

CONSEJO DE GOBIERNO

DE LA REVOLUCION

FRANCO-ESPAÑOLA

del Principado de Asturias

CONSEJO DE GOBIERNO

DE LA REVOLUCION

FRANCO-ESPAÑOLA

del Principado de Asturias

CONSEJO DE GOBIERNO

DE LA REVOLUCION



A O  
PRINCIPE



OSO SENHOR.

SEÑENISSIMO PRINCIPE.



*OS pés de V. R. A. offe-  
reço nas vinte e huma  
letras que formaõ o Abe-  
cedario, sessenta e tres discursos  
politicos, de que se compoem o go-  
verno Catbolico: animando-me a*

\* ij

adian-

# DEDICATORIA.

adiantar os avisos , aos annos da  
comprehenção de V. R. A. por me  
affirmarem os noticiosos, que entre  
as Nações mais bellicosas, & po-  
liticas se usava nas profapias  
Reaes , formar o berço onde crea-  
vão os filhos, dos escudos , com que  
depois haviaõ de sair à campanha ;  
ou das armas , que ficavaõ de seus  
Progenitores, \* ( desengana-  
das memorias de inçlytas proezas )  
As virtudes que neste breve Com-  
pendio deduzi das letras , que  
daõ principio a seus nomes, são os  
escudos, que a experiencia dos Po-  
liticos applicou à theorica de hum  
gover-

# DEDICATORIA.

governo. Os exemplos dos Reaes  
Predecessores de V. R. A. com  
que abono a virtude das maximas  
que escrevo, forão as armas, pe-  
las quaes conseguiraõ o triunfo  
da fortuna: Huns, & outros de-  
fensivos, consagro à educação de  
V. R. A. para que lhe sirva de ber-  
ço, o que a seu tempo lhe ha de for-  
talecer o braço; porque não he me-  
nos o nascer Principe Portuguez,  
do que Hercules Tebano: & se  
este, no berço aprendeo a ensayar as  
forças, que depois lhe derão a fama;  
he rezão, que V. R. A. no berço se  
applique a usar das armas, que de-  
pois

# DEDICATORIA.

pois lhe perpetuem o nome. A vida  
de V. R. A. augmente Deos,  
para defenza da Fé, & gloria do  
Reyno.

Fr. Joaõ dos Prazeres.

CENSURA DO M. R. P. M.

Fr. Joaõ da Magdalena, Leitor  
jubilado, da Terceira Or-  
dem de S. Francisco.

EMINENTISSIMO SENHOR:

**O** Bedecendo ao Decreto de V.  
Eminencia, vi, & com aten-  
çaõ ponderarei este *Abecedario Real,*  
& *Regia Instrucçaõ de Principes Luz-*  
*sitanos,* Author o M. R. P. Fr. Joaõ  
dos Prazeres, Prègador Géral, &  
Chronista mór da sagrada Religiaõ  
do Patriarca S. Bento; & conhecen-  
do já de outras obras, que o Author  
deu à estampa, o excesso que fez aos  
mais Chronistas na erudiçaõ, na  
verdade, & na elegancia, nesta me  
parece se excedeo a si mesmo, por-  
que às poucas letras do A, B, C, re-

duzio hũa solida , & amplissima In-  
strucção na Fé, & bõs costumes para  
hum Principe ser perfeito no gover-  
no proprio , & dos vassallos ; & in-  
strucção do governo humano, não  
he A, B, C, segundo Nazianzeno;  
he Arte das artes , & Sciencia das  
Sciencias : *Ars artium, & Scientia  
Scientiarum, quæ hominem regit, ani-  
mal omnium maxime varium, & mul-  
tiplex;* & tal me parece esta compen-  
diosã obra, porque para dirigir a hũ  
Principe Catholico , em quanto  
Principe ao Politico, & em quãto Ca-  
tholico ao Divino , nem tem apice  
superfluo, nem he em jota diminuta.  
Contém artificiosa consonancia en-  
tre a doutrina dos Santos Padres, &  
sentenciosas Maximas dos Filósofos  
antigos , & em tudo sonóra a nossa  
Santa Fé, & bõs costumes, porque  
he



he politica erudição de verdades  
Christãas, persuasiva de virtudes, &  
reprehensiva de vicios; com que me  
parece dignissima de fair a luz, para  
que a dé assim ao Príncipe nosso Se-  
nhor, como aos mais. Convento de  
N. Senhora de Jesus de Lisboa 15.  
de Janeiro de 1692.

*Fr. João da Magdalena,*  
*Leitor jubilado.*

CENSURA DO R<sup>mo</sup>. P. M.

Fr. Manoel Leitaõ, da Ordem

dos Prègadores.

**V**I este *Abecedario Real*, &  
*Regia Instrucçaõ de Principes*  
*Lusitanos*, Author o M. R. P. Fr.  
João dos Prazeres, Prègador Gèral,  
& Chronista mór da sagrada Reli-  
giaõ do Patriarca S. Bento, & sendo  
em tudo ajustado a nossa Fé, & bõs  
costumes, he juntamente digno de  
muitos louvores pela muita erudi-  
çaõ de feu Author, em que se vè  
quam falso he o ditto de alguns que  
com menos consideraçaõ disseraõ,  
que nunca podiaõ os Religiosos se-  
rem bons Politicos (como se da me-  
lhor Politica naõ fosse base, & fun-  
damento a Virtude, & Religiaõ)  
mas já este parecer se vè desmentido  
nesta

nesta Obra feita por hum Religio-  
so, com tanto engenho, erudição,  
& acerto, que se pòde chamar o  
melhor Politico. He tal este Abe-  
cedario, que elle só por si bastava  
para que quando S. R. A. o decore,  
& faiba, se constitua hum Principe  
taõ perfeito, que se veja ser dos seus  
Progenitores o melhor imitador, &  
para os seus Successores hum gran-  
de exemplar. Compoemse este  
Compendio de poucas folhas, pro-  
priedade das arvores, que daõ de si  
muitos frutos; naõ como algumas,  
que sendo menos que pouco o fruto,  
he mais que muito a folhagem. Os  
similes, & comparações, de que usa  
o Author nestes seus documentos,  
saõ taõ insignes, & proprios, que a  
sua propriedade naõ só ensina, & re-  
crea, mas admira. E porque naõ só  
serà

ferà de grande utilidade para a edu-  
cação de S. R. A. mas tambem para  
a de outros Principes, com credito  
da nossa Nação Portugueza, me pa-  
rece muito digna de que se impri-  
ma. S. Domingos hoje 23. de Ja-  
neiro de 1692.

*Fr. Manoel Leitaõ.*

CENSURA DO M. R. P. M.

João de Almeida, da Com=  
panhia de Jesus.

SENHOR.

**E**Xercitou o Author taõ felizmente a penna nas gloriosas acçoẽs do Principe dos Patriarcas, seu glorioso Padre S. Bento, que parece foi disposiçaõ superior, que se enfayasse entaõ nas Emprezas daquelle grande Principe, para sair agora cõ esta do *Abecedario de Principes*, que offerece a S. A. o Principe nosso Senhor que Deos guarde; Nas de seu Santo Patriarca mostrou que se podem ajustar as virtudes cõ a politica; & nesta, mostra que pòde, & se deve ajustar a politica com as virtudes. E para que os puramente esta-

estadistas não censurassem por nova  
esta maxima, com incansavel estudo,  
& singular lição dos Authores mo-  
stra com Santos , com Politicos, &  
ainda com profanos o quanto foi  
sempre de todos , & em todas as ida-  
des venerada dos mayores homẽs, &  
praticada dos melhores Principes,  
que de si deixáraõ gloriosa me-  
moria: & para que a S. A. não sejaõ  
estranhos os exemplos, lhe poem à  
vista os dos Senhores. Reys seus glo-  
riosos Ascendentes: com tal acerto,  
que sendo doutrina de tantos como  
allega, parece he só sua; emfim, como  
creado na escola daquelle Santo Pa-  
triarca, que logo na fundação de sua  
Sagrada, & Illustre Religiaõ quiz  
que seus Conventos o fossem de Re-  
ligiosos, & juntamente escolas aon-  
de Principes aprendessem as primei-

ras letras, como agora offerece o Au-  
thor estas a S. A. & taõ bẽ formadas,  
que o faraõ hum Principe perfeito,  
como esperamos o ha de ser S. A. pelo  
que me parece digno que V. Mage-  
stade lhe cõceda a licença que pede.  
S. Roque 30. de Janeiro de 1692.

*João de Almeida.*



## LICENÇA DA RELIGIAM.

**O**M. R. P. D. Abbade do nosso Mosteiro de S. Bento da Saude, & o Reverendissimo P. Chronista mór do Reyno, vejaõ o livro, de que o supplicante aqui faz menção, & achando tem os requisitos para se dar á estampa, damos a licença que se pede. Coimbra 20. de Novembro de 1691.

*O D. Fr. Bento de S. Thomas,  
Gèral de S. Bento.*



CENSURA DO M. R. P.  
Prêgador Gêral Fr. Roque da Na-  
tividade, D. Abbade do Mo-  
steiro de S. Bento da Saude.

R.<sup>mo</sup>. P. N.

**O** Bedecendo como humilde  
subdito à ordem de V. R. em  
que me manda reveja o livro intitu-  
lado, *Abecedario Real, & Regia In-*  
*strucção de Prineipes Lusitanos*, com-  
posto pelo M. R. P. Prêgador Gêral  
Fr. João dos Prazeres, Chronista  
môr de nossa Religiaõ, digo, que tive  
excessivo gosto de o ler, & em seu  
Autor muito que louvar, & enten-  
do que se nos dous tomos, que com-  
poz de Emprezas da vida do Princi-  
pe dos Patriarcas, fez a todos paten-  
te o subido de seu engenho na inve-

\*\*

ctiva

Etiva das Emprezas, nos acertos dos apodos, na abundancia, & noticia de escrituras, assim divinas, como humanas: com este Abecedario Real o corou na escolha dos assumptos, na brevidade dos discursos, na pureza da linguaagem, & sobre tudo no fallar ajustado, dando reaes documentos ao Principe nosso Senhor com os exemplos de seus Predecessores, para ser em tudo Principe perfeito; pelo que me parece Vossa Reverendissima lhe de a licença que pede para se imprimir. Lisboa, São Bento da Saude 26. de Dezembro de 1691.

Humilde filho, & subdito de V. R.

*Fr. Roque da Natividade,*

*D. Abbade do Mosteiro de S. Bento da Saude.*

CEN

CENSURA DO R<sup>mo</sup>. P. PRE<sup>z</sup>  
gador jubilado Fr. Rafael de Jesus,  
Chronista mór do Reyno.

R<sup>mo</sup>. P. N.

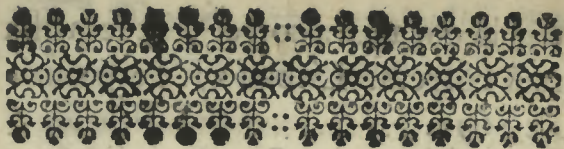
Fr. Bento de S. Thomas.

**S** Em faltar à obediencia, nem à  
censura, li este breve compen-  
dio; que seu Author intitula, *Abece-  
dario Real, & Regia Instrucção de  
Principes Lusitanos*, regulandolhes  
as vidas pelas maximas, com que sa-  
hio a luz nos primeiros dous tomos,  
que escreveo das heroicas virtudes,  
& Catholicos documentos do Prin-  
cipe dos Patriarcas nosso Padre S.  
Bento, & me parece taõ digno de  
aplausos, como izento de censuras,  
& que Vossa Reverendissima não só

Ihe deve conceder a licença, que pede, senão também o deve obrigar, a que com toda a brevidade o dê á estampa, porque se manifeste a riqueza do thesouro, sem o defraudarem os vagares do tempo. Lisboa, S. Bento da Saude em 5. de Janeiro de 1692.

Humilde filho,  
& servo de V. Reverendissima,

*Fr. Raphael de Jesus,*  
*Chronista mór do Reyno.*



# LICENÇAS.

**V**istas as informações, pode-se imprimir o Abecedario Real, de que esta petição trata, & depois de impresso tornarà para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrà. Lisboa 25. de Janeiro de 1692.

*Pimenta. Noronha. Castro.  
Foyos. Azevedo.*

**P**ode-se imprimir o livro, de que a petição faz menção, & depois tornarà para se conferir, & dar

dar licença para correr , & sem ella  
naõ correrá. Lisboa 27. de Janeiro  
de 1692.

*Serraõ.*

**Q**ue se possa imprimir ; vistas  
as licenças do Santo Officio,  
& Ordinario ; & depois de  
impresso tornarà à Mesa para se  
taxar , & conferir , & sem isso naõ  
correrá. Lisboa 4. de Fevereiro de  
1692.

*Mello P.      Lamprea.      Ribeiro.  
Cerqueira.*

*Cohæ-*

**C** Ohæret cum originali. In  
Conventu Deiparæ à Jesu die  
22. Martij 1692.

*Frater Joannes à Magdalena,  
Lector jubilatus, & Sancti.  
Officij Consultor.*

**V** Isto estar conforme com seu  
original, pòde correr. Lisboa  
28. de Março de 1692.

*Pimenta. Noronha. Castro.  
Foyos. Azevedo.*

**P** Ode correr. Lisboa 30. de Mar-  
ço de 1692.

*Serraõ.*

Tai-

**T** Aixaõ este livro em hum to-  
staõ. Lisboa 28. de Março de  
1692.

Mello P. Lamprea. Roxas.  
Marchaõ. Azevedo. Ribeiro:

Aman





# A

1 *Amante,*

2 *Amado,*

3 *E Animoso.*



1 **P**ARA utilidade dos homens, Senhor, se inventarão as letras. Por mais qualificada que seja a pessoa, he diamante bruto, em quanto não clarifica o juizo. O exordio por onde a Arte começa a polir a natureza, he o *Abecedario*, que ensina a conhecer a fôrma das letras, cõ que

A

des-

desbasta a rudeza dos engenhos. As diferenças dos homens, são como as especies das arvores, que ou sejam reaës, ou inferiores, todas nascem sem prestimo, & depois a natureza as alimenta, & a Arte as cultiva, & aperfeiçoa.

A letra A; he por onde principia o Abecedario. Os Ortograficos derão a esta letra a primazia, pela considerarem mais proxima ao coração; porque na pronuncia se respira do mais intimo; 1. & quando nascem os homens, he a primeira que dearticulão: 2. & se o emprego do nosso amor, he o primeiro affecto de hum coração; 3. só Deos he o unico objecto, que merece ser amado; & sendo o amor de Deos, o primeiro exordio da educação de V.R.

A. ferà o nativo, & cordeal empenho de toda sua vida : os Principes, ainda que vasos de ouro na excellencia, são vasos de barro na formação; & como taes, sempre ficão com o fabor da primeira agoa, que receberão, ainda que depois lhe lancem outra mais, ou menos faborosa.

Assim que V.R.A. chegar ao tempo da adolescencia, & nelle industriado na Doutrina Christãa; sem cujos documentos, & comprehensão não està idoneo para os empregos de seus espirituaes affectos; lembrese, que o amor de Deos he o primeiro mandamento da Ley Divina, & por tanto, deve ser a primeira gala, com que V.R.A. exorne o espirito; & ennobreça a purpura; 5.

& o primeiro grão por onde ha de

subir para o Ceo, & para o Solio. 6. Neste amor, tem V. R. A. o melhor conselheiro para as felicidades do trono, & para as honras do tumulo. 7. Feliz o Principe, que semelhante ao Sol, com a mesma luz que apparece no Horizonte, se vê no Occidente; & no mesmo tempo em que dà luz à terra, resplandece no Ceo.

Comece V. R. A. a subir, com advertencia, que não poderà adquirir virtude, que a não ache illustrada em seus Ascendentes: & para navegar pelo mesmo rumo, por onde elles aportàraõ felices; 8. conheça, que o serem *Amantes* de Deos, & do proximo, foraõ as duas azas, 9. que os remontàraõ, & com que excedèraõ a todos os Principes de Europa: & que o reciproco amor, com que  
foraõ

*Regia Instrucção de Principes.* 5  
foraõ *Amados* de Deos, & dos vaf-  
fallos, os *Animou* a acometerem  
empresas taõ arduas, que lhe servi-  
riaõ de mortal tropeço, naõ sendo  
animados destes dous Espiritos. Os  
Principes sem estas duas azas, saõ  
como as Aguias, em lhes faltando  
aquellas, que lhes deu a natureza;  
sem as quaes, nem aveziinhaõ com o  
Sol, nem dominaõ sobre as nuvẽs.

O fervoroso amor de Deos, com  
que o Senhor Felippe Wilhelmo,  
sendo Duque de Neuburg, chorava  
suas culpas aos pês de hum Cruci-  
fixo, duas horas de manhãa, & outras  
tantas de noite, io. o levantou a  
Principe Eleitor Palatino, com tan-  
tas ventagẽs a todos os Principes,  
que tendolhe fabricado o berço de  
todos os brazoẽs illustres de Euro-

pa, lhe ornou o tumulo com as melhores Coroas da Christandade. Senhor, o *amor de Deos*, he a verdadeira pedra filosofal, cujo toque converte em ouro a terra, que a natureza criou barro, & o Sol transforma em varios metaes.

E advirta V.R.A. que Deos não lhe aceitarà os actos de seu amor, quando lhe falte aos preceitos de sua ley; porque o Principe que não observa os Mandamentos de seu Creador, he semelhante ao vassallo, que tem odio à ley de seu Principe; o qual, ainda que se mostre amigo na veneração externa, he seu contrario no foro interior. II.

Conhecendo tambem, que o amor dos Principes para com Deos, não se qualifica nos actos de reconheci-

nhecimento, senão nas obras de virtude: não só no particular fervor do espirito, com que o amaõ; mas tambem na magnificencia do culto, com que o veneraõ. 12. A edificação de cento & sincoenta Igrejas, que El-Rey D. Affonso Henriques erigio em gloria de Deos, & de seus Santos, 13. deixou por documento, que o amor dos Principes para com Deos, he como o amor dos homês para com seus progenitores; que em faltando à veneraçã dos pays, desmentem do amor de filhos. 14.

Do *amor de Deos*, nasce o *amor do proximo*: este, sendo chamma ateada daquelle fogo, he o nutrimento delle. 15. Tanto mais subirà V. R. A. no amor de Deos, quanto mais se adiantar no *amor do proximo*.

Para com os Principes , o proximo  
mais proximo , são os vassallos : &  
muitos desejarão ter subditos tão  
benemeritos, como V.R.A.tem nos  
Portuguezes. 16. El-Rey D. João o  
Primeiro de Castella , & a Rainha  
Catholica de Hespanha D. Isabel,  
dizião, que entre as Nações, sómen-  
te os Portuguezes amavaõ a seus  
Reys, como a seus pays. 17. E isto  
he , & foi procedido, dos Principes  
Lusitanos os estimarem sempre co-  
mo filhos, & nunca os opprimirem  
como servos. 18. Hum Principe  
altivo, descompondo subditos reve-  
rentes, he semelhante ao espinheiro  
ingrato, presidindo a plantas saluti-  
feras, as quaes fogem da sua sombra,  
& se amparaõ de outra arvore , que  
lhes sustente, & não lhes prejudique  
a virtude.



2 *Amado de Deos*, será V.R.A. afortunado com tal excesso, que os Anjos pelejarão em sua defenſa, aſſi como o fizeram na batalha do Salado, onde El-Rey D. Affonſo o Quarto, ſe laureou invencivel; 19. & o meſmo Deos lhe defenderá a vida, como guardou a do noſſo reſtaurador, o Senhor Rey D. João o Quarto, cegando com o denſo de hũa nuvem ao Sacrilego, que intentou darlhe a morte. Os Principes *amados de Deos*, gozão as immunidades da arvore *Attricia*, a quem não corrompe a agoa, nem conſume o fogo; porque o Sol lhe cõmunica tal virtude, que a livra dos contrastes do tempo, com que triunfa no campo, & ſe immortaliza nas obras que lhe perpetuão a vida.

*Amado* dos vassallos, experimentarà V. R. A. em obsequio de seu serviço, o natural amor, com que os Portuguezes desprezàraõ a propria vida, por salvarem a de seus Monarcas; & aquelle inexpugnavel esforço, com que dilatàraõ o nome de seus Principes, por todo o gyro por onde o Sol aperfeiçoa o curso.

20. Em tudo saõ os vassallos parecidos com a terra, principalmente em se transformar em bronze, ou se converter em ouro, conforme o mayor, ou menor influxo, com que lhe assiste o Planeta: subindo de valor correspondente ao empenho, com que a fomenta o Sol.

3 Do mais generoso affecto formou Deos o *animo*, que he a mayor virtude dos Principes; 21. o qual  
entre

*Regia Instrucção de Principes.* II  
entre os bens temporaes , he a me-  
lhor herança ; 22. pela soberania  
com que se engrandece , & sustenta  
a si mesmo ; 23. pela virtude com  
que exorna, & immortaliza os Prin-  
cipes ; 24. pela valentia com que  
soporta , & vence os trabalhos ; 25.  
pelo esforço com que sopêa os vi-  
cios, que lhe escurecem o credito ;  
26. pelo arduo das emprezas , em  
que occupa as forças, com que abo-  
na o espirito ; 27. & pela prudencia,  
por onde governa as acções , fugin-  
do da temeridade , q̄ lhas deslustra.  
28. Os attributos do valor, & as cõ-  
dições da fermosura confrontaõ, em  
que a correspondencia das partes  
constitue a perfeição do todo.

Os soldados pelejaõ com a voz,  
& com o braço . . . em, sendo a

voz, & o braço de Deos : & se o instrumento não obrar conforme a vontade do artifice, saltará a V. R. A. a fidelidade, & valor dos Portuguezes, quando lhe falte o braço de Deos com o costumado auxilio, cõ que amparou a todos seus Ascendentes. O animo dos Principes desanimado de Deos , & estabelecido na copia, & valor de seus exercitos, padece o mesmo , 29. que experimentaõ os Indios Orientaes na pedra Herviana ; a qual no mesmo dia em que amanhece pedra , anoitece cinza. 30.



# B

- 1 *Bellicoso,*
- 2 *Benefico,*
- 3 *E Benevol.o.*

1 **E**Ntre os Planetas , o de Marte, pelo que tem de belicloso, he annúcio de felicidades, quando predomina nos Príncipes : assim o experimentou Portugal na acclamação dos Reys D. João o Primeiro, & do Senhor D. João o Quarto, a quem a força das armas assegu-rou a posse do Reyno. Senhor , os subditos governados por hum Príncipe bellicoso, consideraõ-se atomos atrahidos do Sol , que ou se resol-  
vem

vem em agoa , com que fertilizaõ a terra; ou em trovoës , com que atemorizaõ o mundo.

He inutil o animo , sem o exercicio das forças; 1. mas nem toda a occupaçaõ he espelho do valor : 2. o domar Leoës, & naõ o acobardar ovelhas foi todo o emprego do valor Lusitano. As primeiras embarcaçoës , que El-Rey Dom Manoel mandou à India , levavaõ ordem de naõ fazerem guerra aos inertes , se naõ aos bellicosos. 3. A tempestade, defacredita as forças , movendo as areas, & deixando as pedras.

A magestade das armas , distingue a soberania dos Principes , da sobordinaçaõ dos vassallos ; 4. dilata os Reynos, cõ o braço dos subditos ; 5. pacifica o povo , com o  
terror

*Regia Instrucção de Príncipes.* 15  
terror das armas; 6. & resguarda o  
Cetro, com o temor dos inimigos:  
7. sendo o exercicio das armas,  
como as carrancas da nuvem, que  
apparecendo no Ceo, obriga ao Pi-  
loto a recolher as velas, receoso da  
tempestade.

2. *Benéfico* para com todos, tem  
V. R. A. obrigação de ser, em todo  
o tempo; para que em nenhum lhe  
falte a real virtude da beneficencia,  
8. sem a qual, fora inutil o provi-  
mento das armas, com que El-Rey  
D. Joaõ o Primeiro presidiou Por-  
tugal; conhecendo, que El-Rey D.  
Fernando por falta dellas, o havia  
atenuado. 9. As armas nas mãos  
dos vassallos, faltando a beneficencia  
da parte dos Príncipes, são espa-  
das desembainhadas sem odio, nem  
amor;

amor ; que quando muito , chegaõ a apartar, & naõ passaõ a ferir.

Nenhum racional , & menos hum Principe , póde obrar taõ exacto, que lhe naõ arguaõ defeitos: a beneficencia he a capa que os cobre; 10. porque reconcilia os animos . Affirmaõ todos , que a liberalidade com que El-Rey D. Fernando dispendeo os thesouros, era a fim de cohonestar a falta de seu governo. 11. Os desafeiçoados, seguem o natural dos rafeiros, que naõ ladraõ em quanto comem, nem mordem a quem lhes dà de comer.

Use V. R. A. da *Beneficencia* com tal discriçaõ, q̃ naõ pareça prodigalidade, dispendendo sem conta , & sem respeito : naõ ostente prodigalidades , preece benemeritos; 12.

faci-



*Regia Instrucção de Principes.* 17  
facilitandolhe o favor , para que o  
estimem como dadiva, & naõ como  
preza, 13. que desobriga do agra-  
decimento, a quem a leva por força.

3 A *Benevolencia*, & a *Justiça*,  
saõ as duas fontes, por onde a libe-  
ralidade corre com estimação, &  
pureza. 14. Julgãraõ os Politicos,  
que o sogeito mais affavel, merecia  
o primeiro lugar na Republica, 15.  
pelo considerarem mais rico, por-  
que mais amado; 16. mais fortale-  
cido, por mais independente. 17.  
Assim por estas, como por outras  
virtudes merece a *Benevolencia*, que  
V.R.A. a estime como Coroa, que  
remata os claros da Magestade, &  
authoriza os poderes da soberania.

O natural de hum Principe be-  
nevolo, he moderado na ira, mise-  
ricor-

ricordioso nas penas , cuidadoso de todos ; 18. & remunerador de serviços: 19. attributos, que exaltaraõ as Coroas dos Reys D. Joaõ o Primeiro , D. Joaõ o Segundo , & D. Manoel; a cuja beneficencia se pòde attribuir aquella superior veneraçãõ, com que foraõ amados , & temidos. A beneficencia, goza as immunidades do orvalho, que na brandura, com que refresca a terra, aproveita mais , do que a inundaçaõ da chuva , que escarva os montes , & afoga os valles.

( \* \* \* )

# C

- 1 Catholico,
- 2 Circunſpecto,
- 3 E Confiado.

1 **D** Esneceſſaria advertencia,  
a de Catholico , para  
hum Principe filho de Pays Chri-  
ſtianiffimos, & Senhor de hum Rey-  
no em todos os ſeculos orthodoxo,  
& que dignamente conſerva hoje o  
ſeu antigo Brazaõ , de *Sacrario da*  
*Chriſtandade* ; porque o culto, com  
que nelle ſe venera a Deos , excede  
ao de todas as Naçoẽs , com tal ex-  
ceſſo, que S. Francisco Xâvier o ac-  
clamou na India pelo mayor da

Christandade: 1. & se o Reyno he o mais Catholico , V. R. A. tem obrigação de ser o mais religioso ; 2. para cõ seu exemplo lhe augmentar , & não diminuir o credito. A vida dos Principes , não correspondendo à virtude do Reyno, he planta esteril em terreno fecundo , que lhe esteriliza a fertilidade , porque lhe enfraquece a virtude.

Seja V. R. A. Catholico sem hipocrisia , nem superstição ; que he culto profano , & religião apparente ; 4. & a hipocrisia , apparencia mentirosa, & fingimento desleal a si proprio. 5. Entre os Reys de Portugal, se não encontra Principe contaminado desta falsa luz ; que depois de enganar os olhos, mostra desapparecendo , que era vapor , o que

que parecia estrella.

2 *Circumspecto* na especulação dos negocios deve ser o Principe, para conhecer a verdade; por não cair no erro do Piloto, que perdeu a embarcação, porque não sondou os baixos do pêgo.

As circumstancias afeão a culpa, ou enfeitão o delito; difficultaõ o emprego, ou facilitaõ o progresso. O resolver sem premeditar, he arriscado a retroceder sem conseguir; deliberação odiosa na vontade, com que empredeo a vingança, & imprudente no arrojõ, com que perdeu o respeito. Acção louvada de todos, foi a de El-Rey D. Affonso o Terceiro, deixando de romper com França, advertindo a falta de gente com que se achava, pelos co-

piofos exercitos que tinha fóra do Reyno : 6. pelo que , está V.R.A. obrigado , a investigar por todos os caminhos as conveniencias do tempo, & da pessoa , 7. o complicado dos negocios , & a sufficiencia dos fogeitos, com as obrigaçoẽs dos lugares ; porque o artifice , que não delineou primeiro na Idéa o artefacto da obra, destruiu tudo , quanto dispoz inconsiderado.

3 *Confiado* em demasia , não he de Principe sobrado de prudencia ; se he vicio o crer a todos, igualmente o ferà, não dar credito a nenhum. 8. Mais util he a desconfiança , que examina, do que a seguridade , que descuida. 9. O confiar acautelado, he desconfiança de prudentes : maxima por todas as rezões amada dos

*Regia Instrucçãõ de Principes.* 23  
dos Principes desejosos de augmen-  
tar a Republica , como os Contra-  
tadores de segurar a fazenda , abo-  
nando o credito da palavra com o  
juridico das escrituras.

A confiança imprudente , que  
El-Rey D. Sancho o Capello fazia  
de seus ministros, o privou do trono;  
10. & a cega desconfiança de El-  
Rey D. Joaõ o Segundo, lhe enne-  
voou os claros de seu luzimento.

11. Senhor, em todo o negocio ha  
V.R.A. de crer com mais segurida-  
de ao parecer de hum ministro des-  
interessado , do que à loquacidade  
de muitos requerentes; que taõ inu-  
til he para o governo hum Princi-  
pe, que de todos se fia, como aquel-  
le que desconfia de todos : 12. por-  
que mal póde saber o numero das

horas ; quem não dá credito a nenhum final dos relogios que ouve.

# D

1 *Docil,*

2 *Discreto,*

3 *E Desinteressado.*

1 **D** *Docil* com superioridade , foi o natural dos Principes ; a quem as historias celebrão heroicos em toda a virtude. O animo pertinaz, tem na obstinação toda a rusticidade , & o *Docil* goza na brandura toda a policia. Bruto ; & não polido seria o diamante , se fora inflexivel na dureza ; em se reduzir , a arte, descobre os quilates que



*Regia Instrucção de Principes.* 25  
que lhe dão o valor.

A Magestade como vé menos, deve ouvir mais, por se não engolfar no parecer proprio. El-Rey D. Pedro o Primeiro, sendo amantissimo da justiça, adquirio o nome de Cruel, pela inflexibilidade, com que nos castigos excedia os termos da ley, & da propria jurisdicção: 1. pelo contrario, El-Rey D. Affonso o Quarto, morigerou o colerico de seu animo, na *docilidade* com que ouviu, & obedeceo aos ministros, que o arguirão de remisso no governo, & de demasiadamente inclinado à montaria. 2. A soberania dos Principes, & a fineza do ouro abonaõ os quilares, em se dobrarem sem quebra.

O animo *Docil* com facilidade, recebe a opiniaõ verdadeira, & re-  
futa

fûta a falsa. 3. Ninguem se livra de errar como homem; mas só de nefcios he, perseverar no erro como brutos. 4. Senhor, estime V.R.A. o seu querer, como ouro creado no mineral de seu entendimento; com tal respeito, que o entregue às chãmas do conselho, para o livrar das fezes, que pòde ter o parecer proprio.

2 *Discreto* com fingeleza, (que val o mesmo, que prudente sem engano) 5. he virtude propria dos Principes. 6. A discricião civil he demonstradora da prudencia, por ser a lingua, que declara, & explica a sciencia politica, cujas propriedades são, ver a pessoa, & conhecer-lhe o animo; 7. donde a falta desta Discricião, desalenta tanto o discurso

so do Principe , quanto a falta de forças ao corpo humano ; o qual perde os acertos das operações, por falta da agilidade.

Esta discrição , he no mundo a Arvore da sciencia do bem , & do mal, 8. que Deos creou em recompensa daquella, donde Adão colheo o pomo vedado: os frutos desta Arvore são, memoria do passado, intelligencia do presente, & attenção ao futuro ; 9. cujo sabor he o da Justiça, Temperança, & Fortaleza: 10. com estes frutos sustentàraõ o Reyno D. Affonso Henriques, D. Sancho, D. Joaõ o Primeiro , & o Segundo, D. Manoel, & o Senhor Rey D. Joaõ o Quarto. Senhor, a Discrição Politica, he o leme por onde se governaõ as Monarquias ; estas, assim

assim como as embarcações, seguem o rumo, que lhes mostra a sciencia do Piloto.

3 *Desinteressado* he todo o Principe educado para Rey, & não para mercador. 11. O lucro he interesse de necessitados, 12. & não comercio de Principes. 13. O desinteresse refreia os envejosos, & desmente os mal intencionados. O despego, com que se houveraõ os Reys D. Affonso o Bravo na batalha do Salado, 14. El-Rey D. Joaõ o Segundo no descobrimento dos Estados do Preste Joaõ, 15. & El-Rey D. Manoel na conquista da India, 16. desmentio as aleivosas calumnias de seus emulos: porque todas conhecem, que a ambição dos Principes he o formento, que lhes corrompe a virtude; o des-

inte-

# E

- 1 *Esmoler,*
- 2 *Expedito,*
- 3 *E Eloquente.*

1 **C**elestial comercio, o da *Esmola*, que adquire mais do que dispende. 1. Ditofo o Principe, que enriquece o Reyno por aquelles meynos, porque compra o Ceo. 2. Nenhum dos Reys de Portugal ignorou este suave modo de prover os Erarios, sem o cuidado de beneficiar o trigo, depois que o lançaraõ à terra, que foi a mão dos pobres, a quem enriquecêraõ

ceraõ com dadivas: 3. nesta providencia, foi mais intelligente que todos, El-Rey D. Affonso o Terceiro, que chegou a vender as joyas de seu thesouro, por haver dispendido com os pobres todo o dinheiro amodado que tinha. 4. Elle, & seu filho El-Rey D. Diniz colhèraõ os frutos desta seàra, com ventagões taõ multiplicadas, como experimenta o Justo, a quem as mãos de Deos servem de thesouro; & naõ o peccador, que nas mãos dos homens faz o seu deposito.

Imitou o filho ao Pay, El-Rey D. Diniz a El-Rey D. Affonso, com desigual fortuna na eleiçaõ do tempo; porque o Pay dispendeo em vida, & o filho à hora da morte; 5. & he certo, Senhor, que a luz q̃ guia  
 livra

*Regia Instrucção de Principes.* 31  
livra dos tropeços, & a que segue,  
naõ izenta tanto dos perigos.

2 *Expedito*, & naõ arrojado, he  
todo o Principe dotado de pruden-  
cia. O premio, & o castigo, podem  
ser penosos, & suaves; na brevidade  
ou detença medem as espadas, &  
igualaõ os escudos. O desengano  
vence a esperança no util, 6. ainda  
que a promessa entretenha a muitos  
com a esperança. 7. O Principe que  
naõ espera lhe repitaõ a supplica, do-  
bra a dadiva; 8. & para premiar  
com justiça, & utilidade das partes,  
deve ser *Expedito*, porque se gover-  
na pelo entendimento, & memoria;  
& naõ acelerado, que segue os im-  
pulsos da vontade: & se muitas ve-  
zes succede aos que tem vista erra-  
rem as veredas; como poderãõ os ce-  
gos;

gos atinar com os caminhos?

Seja V.R.A. *Expedido* com a denominação de prudente , para não faltar às atenções da justiça, piedade, & magnificencia ; porque senão fora prevista , seria perniciosã a expedição, com que differiaõ às supplicas os Reys D. Pedro o Justicozo , D. Joaõ o Terceiro , D. Manoel, & o Senhor Rey D. Joaõ o Quarto. Senhor, a embarcação quanto mais veleira , em lhe faltando o leme, mais depressa dà à costa.

3 A *Eloquencia* he sabedoria frondosa, fecunda, & agradavel; que se adquire com a lição do estudo, & com a practica dos sabios. 9. O seu prestimo he avassallar com a elegancia das palavras , o que se não pòde conseguir com o poder das obras.



obras. Atráhe os animos, 10. naõ exceptuando qualidades, porque se oppoem à potencia dos Reys. 11. Dõma a cavilação dos inimigos; & pacifica o orgulho dos ingratos: 12. rezoões que constituem a hum Principe sem *eloquencia*, homem sem falla, que lhe he necessario trabalhar com as mãos, para dar a entender, o que naõ pòde pronunciar.

Mas com a *Eloquencia* ser taõ poderosa, mais util serà a hum Principe, parecer rustico, & ser Santo, do que distrahido, & eloquente. 13. Ha muitos, que estimaõ menos o serem virtuosos, do que parecerem entendidos. 14. Naõ estime V.R.A. esta ignorancia, preze muito a virtuosa *eloquencia* de seus Ascendentes, El-Rey D. Diniz, D. Joaõ o Pri-

34 *Abecedario Real, &*  
meiro, D. Manoel, & D. Sebastiaõ;  
\* porque se as folhas galanteaõ os  
troncos, os frutos distinguem as  
qualidades.

Naõ se engane com a loquaci-  
dade, tendoa por eloquencia; por-  
que o fallar muito, he teima de nes-  
cios; & o pouco fallar, propriedade  
de entendidos: 15. & se as folhas  
saõ linguas das arvores, menos se  
movem as do Platano salutifero, do  
que as do Alamo infructuoso.



# F

- 1 *Fervoroso,*
- 2 *Firme,*
- 3 *E Fabricador.*

I **O** *Fervor* do animo, & o ferver da agoa parecemse, em que a agoa na fervura, expede a malignidade; & o animo no *fervor*, purifica a virtude, 1. ou refina o vicio: este calor, he fogo do inferno, que arde, & não luz; & o outro, he do Empireo, que luz, & não arde. Imite V.R.A. em seu fervor ao empenho, com que os Reys seus Ascendentes augmentáraõ a Fé, no zelo das Conquistas; & emendã-

raõ os vicios , com a execuçaõ das leys : porque he certo que o *fervor* desviado do util, he rayo , que primeiro rasga as entranhas da nuvem, onde se fórma , do que rompa o monte, sobre que desce.

2 Vassallo com o titulo de Rey he todo o Principe inconstante na palavra : em naõ sendo *Firme* na promessa, he labèo da Magestade. 2. Em todo o Principe he avaliado este defeito , pelo mayor danno de sua reputaçãõ; 3. & com mayor justiça em os Reys Lusitanos; porque da satisfaçãõ com que El-Rey D. Duarte desempenhava o que prometia , se compoz o adagio : *Palavra de Rey*; 4. & todo o seu Descendente, que naõ sustentar este credito, serà contado em o numero das

Aguias,

Aguias, que degeneraõ da nobreza dos pays. \*

Differaõ os Antigos, que o Principe inconstante na palavra, ou era cego, ou surdo; 5. ou não via o que era, ou não ouvia, o que d'elle se murmurava; porque se vira o valor da estimaçaõ, que lhe deraõ os homens, conhecera, que os primores da Magestade, não se desempenhaõ em consultar o. que se deve fazer, senão em perseverar na resoluçaõ determinada: 6. & se ouvira o que d'elle se murmurava, soubera, que os naturaes, & estrangeiros tem a semelhantes Principes na conta de joyas falsas, que não são estimadas pelo valor, senão pelo artificio; não pelo que enriquecem, sim pelo que substituem.

3 Seria inutil a creação da terra, sem a formação do homem. Na terra creou Deos o alicesse, & no homem o *Fabricador*, que sobre ella edificasse o culto devido a Deos, & a utilidade conveniente aos homens. Hum Reyno sem Principe que o fabrique, he, como seria a terra sem homem que a cultivasse, a qual nunca passaria da rudeza de monte á perfeição de mundo.

Os que authorizàraõ a terra, forão os Principes, que a dividirão em Respublicas para a enriquecerem com edificios; assim como fizerão a esta Corte de Lisboa, El-Rey D. Fernando, cercando-a de muros; 7. & a todo o Reyno El-Rey D. Diniz, povoando-o de Lugares, & de varias Fortalezas, que o ornão, & defen-

defendem. 8. Senhor , o Principe que falta em fabricar seu Reyno, he agricultor, que colhe, & não planta ; o qual em breve tempo defauthoriza a herdade, & a deixa infructuosa.

# G

- 1 *Grato,*
- 2 *Generoso,*
- 3 *E Germanado.*

1 **G** Astar, ou não dispende, he voluntario ; \* mas receber , & não galardoar , he villania. 1. O Principe sendo ingrato, offende a Deos , defauthoriza a si, & deslustra o Reyno. 2. O agra-

40 *Abecedario Real, &*  
decimento, satisfaz parte do benefi-  
cio: 3. & a remuneraçãõ, desobriga  
de todo o desempenho, abona a qua-  
lidade, & obriga aos animos: da  
mesma forte que El-Rey D. Joãõ o  
Primeiro, com as devidas honras  
com que premiou o singular esfor-  
ço de D. Pedro de Menezes, primei-  
ro Conde de Viana, 4. & El-Rey  
D. Sebastião o insigne talêto de Joãõ  
de Barros. 5. Os Principes soberanos,  
devem imitar a Deos, que he Senhor  
supremo; o qual, sendolhe devidos  
todos os cultos, remunera, como be-  
neficio, a observancia de sua Ley a  
que estamos obrigados.

Para V. R. A. satisfazer as obri-  
gaçoẽs de agradecido, deve confide-  
rar a pessoa, o serviço, & o tempo  
em que o empenhãõ; 6. porque  
mal



*Regia Instrucção de Principes.* 41  
mal poderá igualar o agradecimen-  
to, quando não pondere as circun-  
stancias do serviço; 7. & senão pu-  
der premiar a todos como deve,  
aprenda do Sol a grangear os affe-  
ctos; enfeitando com a producção  
das plantas os montes, a quem não  
enriqueceo com o valor das minas.

2. *Generoso* he aquelle Principe,  
que não degenerou de sua Profápia,  
8. conservando em todo o tempo,  
& fortuna a soberania de sua Alte-  
za: 9. rezão, que obrigou a mui-  
tos, a desprezarem a terra de que  
forão creados, pela conhecerem es-  
teril; quando deixa de ser cultivada.

obs. Senhor, todos os Reys de Por-  
tugal abonãraõ a generosidade de  
seu animo, imitando a virtude de  
seus Ascendentes: & para V. R. A.

mostrar nas obras a que herdou no Sangue , não busque os augmentos por meynos illicitos ; 10. porque se os Reys Lusitanos se aproveitãraõ das offertas, com que em muitas occasioẽs os Hespanhoes rebeldes a seus legitimos Reys se lhe offerecẽraõ feudatarios , forãõ hoje abominados de toda a Europa. Conserve sua regalia em toda a fortuna , 11. como os Senhores Duques de Bragança no tempo da uniãõ a Castella. Não se empenhe em acçoẽs humildes. 12. Esteime em menos a morte, que o descredito; 13. o dãnõ proprio, que o ganho illicito: como o Infante D. Fernando , querendo antes ficar em cativoiro , que consentir se entregasse Ceuta aos Mouros : 14. Generosa qualidade da

Aguia,

Aguia, que quando não acha preza que lhe encha as garras, perece à fome, por não desluzir as forças, & abater o solar.

3 Se fora obrigação dos Principes viverem *Germanados* com seus parentes, seria divida de V.R.A. o confederarse com todos os Principes Catholicos, & com muitos inimigos da Igreja; porque esta excellencia tem o Sol, que não sómente he aparentado com a geração das Aguias, mas tambem com a producção das Serpentes.

De justiça he V.R.A. obrigado a se *germanar* com os Principes Catholicos nas causas de religião; 15. não atropellando as obrigações de fiel, por satisfazer à confederação de aliado: 16. conhecendo, que  
deve

44 *Abecedario Real, &*  
deve buscar amizade , que sirva de alivio , & não de pezo a seu Reyno; 17. de credito , & não de vilipendio a sua Coroa ; porque na sympathya que tem o Balsamo com o Choupo, desabona sua virtude ; porq̃ o Choupo tem pouco prestimo : & a liança que a Romeira tem com a Oliveira, lhe engrandece a Coroa , porque a Oliveira he symbolo da victoria. 18.

Contra os inimigos da Fé sempre se confederaraõ os Reys Lusitanos , & à sua liança se attribuio o vencimento ; como se experimentou na batalha das Naves, & do Salado: 19. No que se verifica, creara Deos os Reys de Portugal , quaes outros Signos do Ceo, cuja natureza busca o Sol para utilidade de seus influxos.

# H

- 1 *Habil,*
- 2 *Honesto,*
- 3 *E Honorifico.*

**I** **F** Ora a dita mayor dos Reynos, se os Principes assim como nascem generosos, nasceraõ eruditos: mas esta pensaõ lhe não poderaõ remir os homẽs, ainda que os eximirão de muitas, com que não dispensou a natureza. 1. Se o mesmo fora nascer herdeiro de hum Reyno, que *Habil* para o governar, nem a providencia lhe delineara os dictames, nem os Doutores sagrados lhe explanarão o sentido delles.

delles. 2. Senhor, os Principes são o melhor fructo que produzio o barro, de que se compoz a Arvore da geração humana; & nenhum fructo tem perfeito gosto, sem que o tempo o fazone nas arvores.

Medicina universal para todo o genero de fortunas, he hum Principe perfeito: & para que o fossem seus filhos, os exercitarão os Reys de Portugal em todo o genero de artes, antes que occupassem o trono: o que se vio mais particularmente na criação que El-Rey D. Affonso Henriques deu a seu filho D. Sancho o Primeiro, El-Rey D. Manoel a El-Rey D. Joaõ o Terceiro, & o Senhor Rey D. Joaõ o Quarto a todos seus Filhos; 3. & se a disciplina não preceder à obrigação,

ção, ferà o Principe qual outro lenho, que por falta de Artifice ficou tronco, podendo ser imagem.

2. O Principe *Honesto* rouba as vontades, inculcando virtudes. 4. Os costumes mostram o ser, ou não ser da Magestade; 5. & quanto mais o Principe tiver de *honesto*, tanto mais logrará de estimação. 6. Muitas virtudes necessitam de Chronistas que as louvem; porque o juizo parcial nunca se germanou com o desapaixonado: sómente a *honestidade* vive independente de louvores alheios, porque ella per si se manifesta. 7. Muitos attribuem a covardia a prudencia com que o Leão se retira do tumulto, para fogir acautelado; mas todos confessão, que o recato de suas lascivias, he o impulso de sua

sua magestade. 8.

A desenvoltura do Principe escurece a estimação da Coroa. 9. A casca com que a natureza cobre a medulla das arvores, as defende do tempo, & as sobe a igualaremse com os montes: 10. Aos da Magestade affombrou El-Rey D. Joaõ o Primeiro cõ a honestidade de sua vida, & El-Rey D. Sebastião com a pureza de seus costumes. 11. Senhor, as imagẽs inculcão, & conservão a veneração nas cortinas com que as cobrem; & os Príncipes, nõ recato com que vivem.

3 *Honorifico* para com todos he o Sol; & com utilidade propria; porque senão repartira de sua luz com as estrellas, não o seguirão Astros luminosos. Acredita-se a si mes-



mesmo, quem ennobrece aos mais, 12. & sem comparação os Principes; porque os Signos celestes logrão a preferencia, conforme a nobreza das partes sobre que dominão.

Os Reynos onde falta a estimação, depressa se confundem. 13. Hũa das principaes causas que defendeo, & augmentou os Senhorios de Portugal, forão as honras, com que estimãraõ a seus Heroes El-Rey D. João o Primeiro, & o Segundo, D. Manoel; D. João o Terceiro, & o Senhor Rey D. João o Quarto. 14. Os animos generosos alimentão-se com grandes honras; 15. & as virtudes tem o sequito conforme a estimação que os Principes fazem dos que as exercitão. 16. A milicia,

50 *Abecedario Real, E*  
& as letras apurãrão-se neste Rey-  
no do tempo de El-Rey D. Diniz,  
que não provia nos Bispados, nem  
dava Judicaturas a quem não pu-  
desse substituir huma cadeira: & de  
El-Rey D. Joaõ o Segundo, porque  
não dava tença a quem não sabia  
pegar em huma lança. 17. Senhor,  
a honra que se faz ao indigno, he  
coroa de flores agrestes, que pör fal-  
ta de cheiro não atrahe os animos.



# I

1. *Industrioso,*
2. *Incansavel,*
3. *E Justificado.*

**A** Arte segue à sabedoria, & a fortuna à ignorancia: 1. razão, porque ferà mais engrandecido o fogeito, que obrar *Industrioso*, do que afortunado. 2. A natureza, & a arte, ambas são generativas; 3. mas com esta ventagem, que a industria da arte melhora a geração da natureza: 4. porque as arvores que naturalmente dão só hum genero de fruto, pela industria com que as enxerta a arte, os produzem no mes-

mo tempo diversos.

Senhor, a industria he producção da experiencia ; 5. & a arte, huma industria habitual adquirida pelos actos da rezão; 6. que por isso affirmáraõ, valia mais huma diligencia industriosa, do que hum parecer discreto: 7. mineral, que enriqueceo aos Portuguezes na administração de El-Rey D. João o Segundo, & do Senhor Rey D. João o Quarto, & a todo o Palatinado no governo do Senhor Principe Felippe Wilhelmo, 8. onde venceo por arte as paixões, & interesses dos animos illustres, a quem a natureza, como separados pela origem, os eximio da independencia : & todo o Principe que não for industrioso, mal poderá affeiçoar para seu serviço a pedra,

*Regia Inst rucção de Principes.* 53  
dra, que de sua natureza he desaffeio-  
çoada, a quem a arte introduz a fór-  
ma, que lhe dà o Artifice.

Confiar, na fortuna, he desati-  
no de nescios; obedecer à natureza,  
inclinação de brutos: emendar a  
fortuna, & a natureza, he arte Real,  
9. que imita nas obras, o que o mun-  
do lhe accrescentou na veneração:  
pelo que, o Principe *Industrioso*, he  
Artifice experto, que faz das pedras  
imagens, & do barro fortalezas.

2 Parece impossivel, mas he  
necessario, que os hombros de hum  
Principe sejam como os de hum  
Atlante, que os aplica a sustentar o  
pezo de toda huma Monarquia. 10.  
Que sejam *incansaveis* no voar as  
Aguias, quando todas as mais Aves  
se podem tomar a corço? Que esti-

54 *Abecedario Real, &*  
vesse El-Rey D. Joaõ o Segundo à  
hora da morte com a candea em hũa  
mão , & com a penna na outra pre-  
miando serviços , 11. quando a to-  
dos tão funèsta hora os exime do  
trabalho ? Foi porque os Principes,  
& os subditos , ainda que sejaõ for-  
mados do mesmo barro , saõ como  
os lenhos produzidos da mesma es-  
pecie , a quem o grão da Lua em  
que saõ cortados, lhe augmenta, ou  
diminue a duração , & a fortaleza  
com que sustentão a obra.

3 A *Justificação* dos actos pro-  
cede de huma creatura amar , & te-  
mer a Deos. 12. A justificação do  
peccador para com Deos, he magni-  
ficencia Divina; 13. & a justifica-  
ção dos Principes para com o mun-  
do, he attributo da Magestade; por-  
que

*Regia Instrucção de Principes.* 55  
que esta, assim como as imagẽs, na  
justificação das obras merece a ve-  
neração do mundo.

Hum Principe justificado na  
rezão com que procede em suas ac-  
çoẽs, entra victorioso, assim do ini-  
migo injusto, 14. como do successo  
contrario: Para este buscava discul-  
pa, & para o outro armas El-Rey  
D. Joã o Prímeiro, propondo a  
seus Ministros a justa causa, q̃ tinha  
para fazer guerra aos Castelhanos;  
15. como tambẽ a occasiã oppor-  
tuna, q̃ o obrigava a receber a ba-  
talha de Aljubarrota: 16. em todas  
as occasioẽs sahio com triunfo; mas  
quãdo lho negasse a fortuna, discul-  
pava-o a justificação do conselho, &  
da justiça, q̃ semelhantes aos espiri-  
tos vitaes animã o corpo, & o de-  
fendẽ dos males.

## L

- 1 Livre,
- 2 Lembrado,
- 3 E Luzido.

**H** E demerito das obras a falta de liberdade. r. Donde as operaçoẽs de hum Principe subordinado, tem a mesma estimaçaõ, que a verdade, com que o relogio declara nos golpes o curso, cõ que o Sol gyra no Ceo, que todos a attribuem ao cuidado do relageiro, & não ao curso do Relogio.

Dizia El-Rey D. Joaõ o Segundo: *Que era indigno do soberano dominio, aquelle, cuja vontade dependia*  
do



*Regia Instrucção de Principes.* 57  
do arbitrio alheyo. 2. E que houvesse Principes, que quizessem participar do natural das pedras, as quaes dotando-as Deos de virtude, perdem pela ineptidão do fogeito, o que lograrião pelo favor da graça.

Senhor, a *Liberdade* dos Principes não consiste só em dominarem as vontades; senão tambem em fopearem os vicios. 3. Não importa, que sejam *livres* por natureza, sendo escravos pela culpa. 4. A subordinação aos conselhos não tirava a liberdade, com que El-Rey D. João o Primeiro discernia os negocios. 5. As cadeas dos peccados são a total prizão da Magestade. Que importa á altenaria da Aguia ter livres as azas, se tem ligados os pés? pois fogeita a liberdade do voò à violencia da prizão. Em

2 Em todos he a memoria de-  
posito da sciencia, & a de réynar  
tem na memoria toda a sabedoria.

6. O Principe, que viver esquecido  
do prestimo de seus vassallos, ferà  
no provimento dos lugares, como  
os cegos no receber das esmolas, que  
naõ devizaõ os metaes das moedas  
que recebem.

*Lembre-se*, Senhor, daquelles  
que o servirem, & dos que não tiver  
occupado; destes, para a experien-  
cia, & dos outros, para a estimação.  
Não fie tudo da memoria, tenha  
como El-Rey D. Joaõ o Segundo,  
& o Senhor Rey D. Joaõ o Quarto  
hum livro, onde affine os nomes dos  
Sógeitos, conforme o prestimo de  
seus talentos, reputação, & nobreza  
de suas Familias; 8. porque se não  
dà

dã mayor rezão , para que as arvores sejaõ estimadas pelos frutos , & não os frutos pelas arvores.

3 Com dobrada luz doura o Sol os montes, do que os valles. O *luzimento* he ornato da Magestade, 9. que lhes distingue a alteza da gerarquia , assim como a luz do Sol a altura dos mōtes. Debaixo de qualquer vestido pòde resplandecer a piedade , 10. mas não a soberania : 11. porque da elegancia das cores se compoem o agradavel, & sobre-excellente da pintura.

Senhor , a demasiada carga faz empacho à ligeireza do navio ; & o muito fausto faz menos possante a Magestade. 12. O muito Sol esteriliza a terra ; & o muito luzimento empobrece o Reyno. 13. O campo  
mais

mais custoso na cultura, he menos rendoso na colheita. Os Principes não se devem ornar por vaidade; sim, para veneração: 14. como sempre se trajáraõ os Reys Lusitanos, sendo no commum custosos, & no particular decentes. 15. Em todos inculca a modestia do traje a fermosura da consciencia; 16. & nos Principes he a nimia curiosidade dos veltidos, como no Pavão a fantastica ostentação das pennas, por onde o julgaõ menos util, ainda quando mais pomposo.

\* \* \*  
\* \*

# M

- 1 *Misericordioso,*
- 2 *Memoravel,*
- 3 *E Moderado.*

**I** **T** Odas as virtudes reconhecem superioridade na *Misericordia*, 1. quando as não enfeita o artificio, \* nem as fomentão os respeitos. 2. Ser injusto com o pretexto de *Misericordioso*, não he compaixão, he malevolencia; assim como o ser justo sem piedade, he crueza, & não justiça. 3. A commiseração nos Principes desanexa da severidade; 4. he esmalte, que separado do ouro he vidro, por natureza fragil. O ri-

O rigor dos Principes intimida a huns, 5. & a misericordia emenda a outros. 6. A compaixão exaspera os protervos, \* & confunde aos arrependidos. E todo o Principe, que não souber usar de hum, & outro attributo, conforme a gravidade das culpas, & qualidade das pessoas, arrisca-se a cair na demencia, com que alguns intentàraõ extinguir o fogo, augmentandolhe a materia.

Senhor, em todos he necessaria a misericordia, & com especialidade nos Principes; 7. esta virtude, augmenta os quilates da estimaçaõ: 8. com ella resplandecèrão as obras de El-Rey D. Joaõ o Primeiro, favorecendo os mesmos que o impugnãõ; 9. & as do Senhor Principe

pe Eleitor Felippe Wilhelmo , dispensando no rigor de muitas leys, ainda contra os foros da Magestade; 10. a qual, despida da clemencia, he diamante bruto, que pòde ferir como pedra , & não brilhar como diamante.

2 Os espiritos generosos obrão de maneira , que não perdem o nome, faltandolhes a vida. 11. Os Heroes desprezão os perigos , para se immortalizarem na memoria das gentes : 12. viver para morrer , he de todos; mas viver para nunca acabar, he de Principes , a quem a nobreza do espirito anima a excederem os termos da natureza , nas vozes da fama com que ficão *memoraveis*: qual outro Rey D. João o Primeiro chamado *o da boa memoria*,  
pelas

pelas heroicas acçoões de sua vida; as quaes , o perpetuàraõ como Feniz nas cinzas, em que todos se resolvem como homẽs.

Senhor, a ambição de fama , he virtude, & naõ vicio; he bem commum, ainda que seja gloria particular. 13. Debilitar sehião as forças, se naõ vissem *memoraveis* as proezas dos homens. 14. E por obrigação incumbe a V.R.A. obrar para nunca morrer, por descendente de Reys tão perpetuados na memoria dos vassallos , pela bondade de seu governo ; & na de todo o mundo , pelos progressos de suas armas: & perderà a estimação de seu descendente o Principe , cuja vida naõ servir de norte , que mostre o caminho , por onde todos podem navegar com bonança. Todo



3. Todo o excesso he nocivo ,  
ou inutil: 15. inutil, para a conser-  
vação ; 16. & nocivo , para a con-  
sciencia, 17. por ser pregação da in-  
temperança, 18. & primogenito da  
vangloria. 19. *Moderado* nos pre-  
mios, 20. nos castigos, 21. & na  
propria Magestade, 22. he todo o  
Principe, que fugindo aos extremos,  
se regula pela theorica, com que o  
Artifice se livra dos excessos, que  
lhe podem defautorizar a obra, or-  
ganizando com medida as corres-  
pondencias do corpo, a que deseja  
dar elegante fórma, & natural vi-  
veza; porque fazendo o contrario,  
ficaria a cabeça alhea de tal corpo,  
& este necessitando de outra ca-  
beça.

Senhor, a immoderação de El-

E

Rey

Rey D. Sancho Capello , & de El-Rey D. Fernando he documento , para coarctar as superfluidades , em que os Principes descifraõ o abono de sua magnificencia, dandolhe a conhecer , que a *moderação* dos Principes, he como a producção do Sol, que enriquece a todo o mundo , & faz estimada a virtude de suas influencias, naõ favorecendo só a hum Reyno , nem empenhando no gyro de seu Imperio toda a actividade de sua potencia.



# N

- 1 Noticioso,
- 2 Necessario,
- 3 E Nacional.

**N**ão voaõ as Aves sem azas, nem o juizo sem noticias; 1. estas, são as azas de que se val o discurso, na falta das experiencias. 2. Os livros são as fontes, por onde se cõmunica o Oceano de sua multidão : & o Principe , que não bebo nestas agoas , foi como o Piloto costumado a navegar junto à terra , que perde o rumo vendo-se engolfado.

As noticias alcanção-se pela li-

ção, ou pelas intelligencias politicas: estas experimētaraõ algũs Principes, mais esponjas, do que fontes; & todos acharaõ na lição guia para seus discursos; 3. porque fallaõ sem lisonja, ensinaõ sem interesse, & em huma só folha offerecem os frutos que não poderaõ colher as mãos de muitos Heroes: sendo os livros mappas, que debuxaõ em breve espaço, o que se não pòde comprehender em toda a vida.

Senhor, a lição dos livros concernentes ao bom governo, & sem nimia applicação que estorve o despacho dos negocios, 4. como della usavaõ os Reys D. Diniz, D. Duarte, D. Affonso o Quinto, & D. Joaõ o Segundo, he voz de Deos, 5. pelas virtudes que ensinaõ, & pelos vicios que

que reprimem; & quem não perceber a voz, mal entenderá a palavra.

2. *Necessario*, & não superfluo, deve ser o Principe em sua assistencia. A facilidade diminue a estimação; 6. & o respeito a augmenta. A presença dos Principes deve imitar a assistencia do Sol, que repartindo as importâncias de seus influxos pela diversidade dos tempos de que se compoem o anno, hūs mezes se avizinha, outros se aparta; hūs se humana, & outros se entroniza.

O ser Principe de hum Reyno, val o mesmo que ser Pay de hũa Familia; 7. & o pay facilitando-se no trato, que respeito pòde influir nos filhos? A terra assiste com a substancia, em quanto não fazona os frutos; mas depois reconcentra a virtude,

70 *Abecedario Real, &*  
com que faz mais fertil sua produc-  
ção.

Senhor, a facilidade com que os  
Reys antigos de Portugal se deixa-  
vão communicar dos vassallos, prin-  
cipalmente El-Rey D. Pedro o Ju-  
stiçoso, 8. não desmerecia de sua Ma-  
gestade, nem occasionava desprezos  
ao seu culto ; porque as vezes que  
o acompanhavão festiva, eraõ me-  
nos das que o experimentavão se-  
vero ; & he regra observada na arte  
da pintura , usar das sombras para  
realçar os claros.

3 Obediente aos influxos dos  
climas , produz a terra a substancia  
dos frutos. *Nacional* , & não estra-  
nho aos costumes da Nação , se ha  
de mostrar o Principe , natural de  
seu Reyno. 9. Os manjares em não  
sendo

sendo accõmodados com o natural das compreiçoẽs, enfastiaõ, & causaõ enfermidades : Da mesma forte succede na introducção de costumes novos , na reprovaçaõ dos inveterados, 10. que se criãraõ cõ a Naçaõ, pelos quaes se distingue, & singulariza dos mais Reynos , sem encontrar a decencia , & honestidade Catholica , observancia civil , & gravidade *Nacional* : a estes sustentãraõ os Reys Lusitanos, & com mais cuidado D. Pedro o Justiçoso , D. Affonso o Quinto, D. Joaõ o Segundo, & o Senhor Rey D. Joaõ o Quarto , assim em o natural da fraze , como no molde dos vestidos. 11. Os costumes decentes , adulterados de hum Principe noveleiro, ameaçaõ a Republica com a mesma morte que

padece a Vibora no parto de seus filhos, os quaes lhe rasgaõ as entranhas, como desprezando a habitação que lhes deu o ser. \*

V.R.A. observe os inveterados trages, & costumes, a cujos peitos se nutrirão seus vassallos; & desterre os abusos introduzidos na estimação de algũs Principes, que galanteando o corpo, afeãraõ o espirito, 12. que venerãraõ por entẽdido ao malicioso, 13. por limpeza a superfluidade, 14. por entretenido ao vicioso, 15. por experimentado ao envelhecido, 16. & por magnificencia de Senhor, a dominação do criado: 17. para se livrar da ignorancia, que obriga a muitos a porem luzes diante dos cegos, a practicarem com surdos, & a se aconselharem com ignorantes. 18.



# O

- 1 Occupado,
- 2 Orgulhoso,
- 3 E Ourvinte.

**M**ayor danno recebe o edificio, da ociosidade do Artifice, que da preguiça do official: Da mesma sorte o experimentaõ os Reynos no ocio dos Principes, que no luxo dos vassallos. 1. A corrupção das aguas, não procede das fontes correrem com menos abundancia, procede sim, do amortecido influxo com que o mar as fomenta.

Entorpece as forças, abate a  
Ma-

Magestade, & escurece a fama, hum Principe ocioso ; porque a falta do exercicio lhe diminue a memoria, retarda os despachos , defanima a virtude, & favorece os vicios: 2. effeitos tudo do ocio de hum Principe, a quem a Magestade descuida; devendo ser despertador , que nas horas do descanso lhe lembre os encargos da soberania.

Senhor , os Serenissimos Reys de Portugal, assim desprezãraõ a ociosidade , que vivendo em pacifica paz El-Rey D.Sancho o Primeiro, D.Affonso o Segundo, & D.Joaõ o Primeiro , não sofrendo seus bellicosos animos o viverem ociosos, buscãraõ entre os Mouros novas conquistas. 3. He obrigação das Magestades emprenderem acçoës gloriosas,

*Regia Instrucção de Principes.* 75  
riofas , onde occupem as forças , &  
authorizem os Reynos: 4. & o ani-  
mo de V. R. A. não he dirivado de  
Narciso , que se vio retratado nas  
aguas ociosas , & lisongeiras ; he  
descendente de Marte , & por esta  
rezaõ obrigado a se dar a conhecer  
na disciplina militar , cujas aguas  
correm furiosas , & turbas.

2 Não excederia em suas obras  
a natureza à pintura , se a imagem  
que esta pinta , igualàra na viveza  
ao original , que retrata. O *Orgu-*  
*lhoso* do animo procede da viveza do  
espirito; & o de hum Principe, que  
deseja augmentarse na estimaçaõ ,  
ha de singularizar-se na esperteza: 5.  
porque a prata sendo metal precio-  
so, não ficàra sobredourada , se lhe  
faltàra o azougue cõ que a dispoem  
o Artifice.

Todos

Todos desprezariaõ os perigos do mar , se não fora turbulento ; como tambem a voracidade do fogo, se nunca o vissem ateado. O animo *Orgulhoso* do Principe he originado da altiveza , com que prèza a Magestade: 6. com elle se faz temido, quando não excede ao que pòde , nem atropella o que deve; 7. quando o patrocina a rezaõ, & o move a utilidade commua. 8. O mar , sendo manancial das aguas , altèra seus augmentos , obediente aos influxos da Lua ; & o fogo, Principe dos elementos, intensa a chamma, medido pela qualidade da materia.

Senhor , o *Orgulhoso* animo de El-Rey D. Joaõ o Segundo , o fez taõ respeitado do Christianissimo Rey de França Carlos Oitavo, que

ten-

tendo-o da sua parte, dizia este, o não intimidava a potencia dos mais: 9. o mesmo motivo obrigou aos Hespanhoes rebelados contra o Emperador Carlos Quinto, a offerecerem a El-Rey D. Manoel os Reynos de Castella, Leão, & Toledo: 10. accomodando-se o *orgulho* dos Principes com a valia das pedras, que são mais, ou menos buscadas, conforme a mayor, ou menor estimação que se lhe dà no mundo.

3 Os ouvidos são as portas, que sempre devem ter abertas os Principes a todo o genero de requerentes. Ouvir, & não fallar, he de quem deseja saber; & a necessidade que os Principes tem da applicação deste estudo, lhe augmenta o numero dos ministros, multiplican-  
dolhe

78 *Abecedario Real, &*  
dolhe nelles as potencias de ver, &  
ouvir: 11. porque os Principes, qual  
outro mar, enriquecem o centro  
com a vazante dos ríos, que dividi-  
raõ em braços.

A palavra de Deos conforta,  
& enriquece a todos os que a ou-  
vem, 12. dispondo-os para os acer-  
tos, 13. & sequito da verdade. 14.  
Iguaes interesses recebem as opera-  
çoões politicas da audiencia dos sub-  
ditos. 15. Resolver o pleito sem ou-  
vir as partes, he rasgar a veyra sem  
tomar primeiro o pulso; tão peri-  
goso à conservação da faude, como  
fallivel em communicar o remedio.

Applique-se V. R. A. a *Ouvir*  
a todos, & a não responder a tudo:  
ouça mais, & falle menos: 16. por-  
que as aves intimidadaõ-se com as vo-  
zes

zes da Aguia, porque a ouvem poucas vezes. 17. Ouça sem paixãõ, nem affecto, 18. não se levando das primeiras informações ; porque sendo poucas as vezes que El-Rey D. Pedro o Justiçoso assentio a ellas , lhe deslustrou a justiça. 19. Não despreze a verdade , pela ouvir da boca de hum vicioso , ou desprezível; 20. porque as abelhas tiraõ o mel da Rosa , sem embargo dos espinhos : & serà contado entre os necios aquelle, que defestimar a téla, pela ver envolta em hum panno grosseiro.



## P

- 1 Parco,
- 2 Proveitoso,
- 3 E Pacato.

**P** Arco entre abundancias,  
 & regalos, he virtude,  
 em que se haõ de exercitar os Prin-  
 cipes, para conservarem o juizo, 1.  
 & reputaçãõ: 2. o vestido, & o su-  
 stento, hãõ de ser medidos com o  
 estado, & necessidade da pessoa; 3.  
 donde no Principe, naõ se reprova a  
 opulencia, mas si o luxo; naõ o que  
 se concede ao util, só o que satisfaz  
 ao delicioso. 4. Da Rosa carecer de  
 espinhos na raiz, que lhe serve de  
 boca,



boca , notáraõ algũs a femrezaõ de se coroar Rainha. 5.

Senhor , a parsimonia he mãy da faude , 6. & alimento do espirito ; 7. & a voracidade, origem de todos os males , porque fonte dos vicios. 8. A diversidade de manjares cria variedade de estimulos contra a liberdade das potencias. 9. Os timoratos comem para viver ; & os dissolutos, vivem para comer. 10. Nenhum dos Ascendentes, & Progenitores de V. R. A. entrou na multidãõ dos que ignoràraõ os lucros da temperança; 11. todos se enriquecèraõ com elles, 12. seguindo a theorica de El-Rey D. Joaõ o Primeiro, em cujo Palacio superabundava o necessario , & se prohibia o superfluo ; 13. porque só o insensivel

perde , qual outra tocha , a luz que o acredita, com a sobejidão da cera que o gasta.

2 *Proveitosos* em todo o movimento de seu curso são os Planetas, para a conservação do Orbe: elles o dominaõ , & por dominantes obrigados a enriquecerem-no. As operações de hum Principe inuteis ao Reyno , não he occupação , he ociosidade ; não he zelo , he desatenção ; 14. porque lhe falta o util a que se dirigem os empenhos ; principalmente os de hum Principe, que semelhante ao mar, não deve despedir onda , que não seja a fim de lucrar na reffaca, mais do que gastou na conquista.

Senhor, o Principe que for inutil para os subditos , não pòde ser proveitoso

*Regia Instrucção de Principes.* 83  
veitoso para si. 15. Buscar a utilidade, não encontra a magnificencia; 16. sim, quando he indecorosa, & injusta: 17. que nos mais termos, o proveito commum precede a todo o privilegio particular. 18. Dispenda como Rey, & negoceie como procurador, que o não he menos do lucro de seus vassallos, do que Senhor das suas vidas, & fazendas. Assim como ha de ter inclinação para dispender, tenha tambem astucia para adquirir: como os Reys D. Pedro o Justo, D. Joaõ o Segundo, & o Senhor Rey D. Joaõ o Quarto: 19. porque o Sol creador das minas, cõ o mesmo calor com que gera o ouro, attrahe a si os vapores da terra.

3 *Pacato* em ouvir, & orgulhoso em resolver, são attributos de hum

animo Real , semelhante à terra exposta às inclemencias do anno , por não faltar a seu tempo com os frutos. Se a terra com qualquer chuva se vestira , & o mar com qualquer vento se inquietàra , esvaecèra-se o cuidado da terra com os ardores do Sol; & fizera-se innavegavel o mar, alterando-se com toda a differença de ventos.

Na *pacacidade* com que os Principes se portaõ nos successos , abo-  
nãõ os quilates de sua generosidade,  
20. & prometem duraçaõ, & vigor  
em suas determinaçoẽs; porque mais  
se perpetua o fogo no lenho , a que  
se ateou vagaroso , do que na pol-  
vora , em que pegou repentino : &  
naõ saõ duraveis , nem perigosos os  
terremotos, procedidos do ar que a  
terra

*Regia Instrucção de Principes.* 85  
terra reteve breves horas, senão da-  
quelle, que entranhou por largos  
annos.

Senhor, a *pacacidade* do animo,  
saõ esperas da prudencia, conforto  
do valor, exame da justiça, arrimo  
dos acertos, & desafogo do irasci-  
vel. 21. Se o Senhor Rey D. João o  
Quarto assentira aos primeiros avi-  
sos, com que os grandes de seu Rey-  
no o chamavaõ para o devido tro-  
no, não fora tão bem fortida sua  
gloriosa acclamação. A falta de pa-  
cacidade nos animos, he o mesmo  
que a limitação de fundo nos rios,  
que esprayando-se com qualquer  
enchente de aguas, arruinaõ mais  
do que aproveitaõ.

## Q

- 1 *Quieto,*
- 2 *bem Quisto,*
- 3 *E Quotidiano.*

1 **D**E todos os elementos, o mais util na actividade, & orgulho, he a terra; porque só a fim de que as creaturas vivaõ pacificas com a abundancia de seus frutos, empenha as forças. Estimado serà igualmente entre os Monarcas aquelle Principe, cuja industria, & trabalho se encaminhe à paz, & quietação de seu Reyno. 1. Nenhum contagio he mais pernicioso à Republica, como a divisaõ das

*Regia Instrucção de Principes.* 87  
vontades; & nenhuma felicidade tão  
proveitosa como a união dellas; 2.  
porque mal pòde descançar a cabe-  
ça, inquietos os humores.

Os victoriosos desejaõ a paz, 3.  
reconhecendo por mais segura a  
quietação duravel, que a batalha  
contingente; 4. porque nesta arris-  
caõ em huma só hora a reputação  
que ganhàraõ em muitos annos. 5.  
O tempo da guerra, he destruição  
das leys, 6. & por esta causa disse-  
raõ, que com o lume da paz se alu-  
niava a Igreja. 7. Pelo que, o Prin-  
cipe *Quieto* he o mais amante, &  
amado de Deos; 8. porque na quie-  
tação das aguas se retrata ao vivo a  
imagem do Sol.

V. R. A. fomite os desenhos  
de sua politica, a conservar seu povo

quieto, & sossegado: não confiando tanto da paz, que deixe de preparar-se para a guerra, 9. circunspecção observada de El-Rey D. João o Primeiro, continuando em seus presidios o exercicio militar, quando mais pacifico com Hespanha; 10. ponderando ser cõ desigualdade utilissima ao Principe a peleja, q̃ o une cõ Deos, do q̃ a paz, que o desvia: 11. esta, he a confederaçã com os vicios; aquella, a guerra contra elles: 12. & não seria pequena desgraça a do fisico, que empenhado na saude alhea, se descuida da propria.

2 *Bem Quisto* entre os vassallos deve viver o Príncipe, com reputaçã tão vigorosa em todos os atos de sua presidencia, como o ouro em todas as obras donde apparece A  
opi-



opiniãõ commua tem forças de ley: 13. & a rudeza do povo, mais se governa pela opiniãõ , que pela realidade: 14. esta, aproveita entre os domesticos; & aquella , para com todos. 15. A reputaçãõ augmenta o dominio dos Principes ; 16. rezãõ, por onde intimida mais que a verdade. 17. As garras do Leão, conforme a opiniãõ do vulgo , não tem resistencia ; mas examinadas na peleja, muitos lhas cortãrãõ.

V.R.A. não encarregue a consciencia para se bemquistar com o povo; 18. porque muitos se perdẽrãõ por este caminho; 19. hum delles , foi o governo del-Rey D. Fernando, que para agencear vontades, gastou desordenadamente os thesouros. 20. Perde com os bens a alma,

alma, quem faz esmolas, & não satisfaz as dividas.

3 *Quotidiano* o Principe no exercicio das virtudes, descobre o natural que as incita, & desvanece a cavilação, com que as podia contrafazer. 21. Não luz em todo o tempo o ferro, sómente quando trabalha tem lustre, não o tem por natureza, causa, por onde não he *quotidiano*.

V.R. A. prèze sempre a imitação de seus Ascendentes, El-Rey D. Pedro o Justiçoso, 22. & outros muitos *quotidianos* em darem a conhecer todos os dias, em todos os actos de religião, justiça, piedade, magnificencia, & amor, o precioso, & nativo de seu zelo, & magnanimidade: como o Sol, que nem fal-

*Regia Instrucção de Principes.* 91  
ta, nem espera que o obriguem a  
formar os dias; porque os actos da  
Magestade interpolados com os do  
luxo são frutos lezos entre os perfei-  
tos, que maculaõ a especie, & de-  
fraudão o tronco.

# R

1 *Reformado,*

2 *Reportado,*

3 *E Reverente.*

1 **A**S Aguias para ensina-  
rem a voar os filhos,  
primeiro os incitão com o proprio  
voo: não ha ensino sem exemplo;  
nem *reforma* nos vassallos, faltan-  
do esta nos Principes: 1. o exemplo  
do

do Monarca, excede a todo o vigor da ley: 2. se a reformaçãõ dos vicios dependèra só dos ameaços da morte, já não haveria no mundo criminosos: 3. a falta do exemplo nos reformadores, faz com que os vassallos tenhaõ o rigor da ley na conta, que os mareantes tem os baxos do mar, que não achãõ advertidos na Carta que lhos mostra, os quaes observam sem novidade, porq̃ nas primeiras aguas desfazem o cumulo, & franqueam a viagem.

Senhor, os vassallos nas reformas, usãõ o mesmo que os Mathematicos em suas observaçoẽs; os quaes não só calculam a natureza, & aspecto do Planeta que domina, senãõ tambem a conformidade, ou desuniam da dignidade, que o acompanha:

panha: assim na Real pessoa, como na de seus domesticos, ha de apparecer o exemplo, para desvanecer as confianças, & coarctar as murmurações do povo. 4. Nam se valiam da grandeza, nem esperavam da piedade os dissolutos, em tempo de El-Rey D. Diniz, & D. Pedro o Justo, porque viam nos Principes o exemplo, & nos domesticos delinquentes o castigo: 5. & se a opiniam dos Principes se regula pelos procedimentos dos vassallos; mal podem os medicos evitar as difluções da cabeça, sem primeiro temperar as cruezas do estomago.

2 *Reportado* nas palavras, he o Principe magestoso nas obras. 6. A lingua não ha de falsear o entendimento, 7. nem exceder as forças; 8.

naõ

naõ deve adiantar-se ao braço, porque deslustra o poder na falta da promessa; 9. nem ha de exagerar o que intenta, nem o que obra. 10. As palavras haõ-se de pezar, primeiro que se pronunciem, 11. & considerarem-se de espaço, as que se hão de dizer em breve tempo; 12. porque proferida a palavra, não retrocede airofa; 13. & com mayor discredito a dos Principes; que semelhante às garras da Aguia, perdem a generosidade, quando não sustentão o pezo.

Senhor, fallar ainda que verdade, diante de quẽ lhe não val o negocio, não he preciso, nem he seguro: 14. não he preciso, porque lhe não importa: não he seguro, porque o pòde revelar: & se as palavras declarãõ o animo, 15. o dos Principes goza

goza a veneração pelo que sup-  
poem de myfterio. 16. Ha occasião  
em que o não fallar, he eloquencia ;  
& tempo, em q o fallar pouco he lo-  
quacidade ; & nenhum , em que o  
dizer tudo seja conveniente: 17. sen-  
tença , em que El-Rey D. João o  
Primeiro, & o Senhor Rey D. Joaõ  
o Quarto fundàraõ as felicidades de  
suas emprezas; 18. porque as de hũ  
Principe ( semelhantes ao tiro da  
peça ) formão o estrondo , depois  
que empregão a bala.

3 Igualmente ornou Deos o fir-  
mamento do Ceo, que o de sua Igre-  
ja : no do Ceo collocou o Sol, que  
presidisse ao dia , & a Lua à noite :  
no de sua Igreja constituio ao Sum-  
mo Pontifice , Sol, que governasse  
a luz do espirito; & ao Principe Ca-  
tholico,

tholico, Lua, que regesse as sombras do governo temporal. 19. A Lua, recebe do Sol a claridade; & o Principe, da mão do Summo Pontifice os poderes: 20. este, como Vigario de Christo, he Senhor de huma, & outra espada: da Ecclesiastica, com izenção; & da secular, com respeito, porque dimitio de si o uso della, 21. para em tudo se mostrar piedoso, & sobre todos eminente: em tudo Sol, que cõmetendo a Jupiter a expedição dos rayos, reservou para si o dominio sobre a jurisdicção de Jupiter.

V.R.A. humilhe seu poder a taõ alta dignidade, para não experimentar os golpes, que a espada de S. Pedro descarregou sobre este Reyno nos tempos de El-Rey D. Sancho o



Capello , & D. Affonso o Terceiro presumidos, de que a sua espada podia resistir aos golpes Põtificios: 22. que sempre os Principes nestes casos, quaes outras Aguias , aspirando a transcender a propria esfera , consomem as azas no fogo , & nelle abração o espirito.

Dos Ecclesiasticos faça V.R.A. a reverencia , com que sempre os prezãraõ quasi todos seus Ascendentes , como deve hum Principe Catholico, 23. reverente aos respeitos consagrados à familia de Deos : 24. que se El-Rey D. Pedro o Justiçoso sentio tanto descomporemlhe hum Porteiro , que mandou tirar a vida ao delinquente; 25. os ministros de Deos naõ tem menos authoridade, que os officiaes dos Principes : nem

Deos zela menos a reverencia de seus familiares, que os Principes o respeito de seus ministros. 26. Senhor, as femrezoës, que os familiares de El-Rey D. Sancho o Capello usaraõ com os Ecclesiasticos, tiveraõ por castigo o miseravel estado em que se poz este Reyno, & a que chegou aquelle Principe. 27. Mostra que não respeita o Juiz, quem lhe agrava a familia, que devia tomar por aderencia.

Reverente a seus progenitores he aquelle filho, que deseja a benção, & não a maldição de Deos: & os Principes com dobrados respeitos; porque muitos vassallos não devem a estimação, a quem lhe deu o ser: & os Principes devem a seus Progenitores o Ser, a Alteza; & a

Coroa : & quanto mayor he a herança, tanto deve ser mayor a gratificação no herdeiro. Muitos são os Principes Lusitanos, de quem V.R. A. pòde aprender o desempenho de tão grande divida : entre todos lhe servirão de exemplo os Reys Dom Sancho o Primeiro, & D. João o Segundo , quando Principes já adultos; q̃ temião como vassallos, & amavão como obedientes filhos a seus Reaes Progenitores. 28. Os garfos desprezando a natureza que recebèrão das arvores , melhorão muitas vezes o ser ; mas nunca os das arvores Reaes , porque sempre degenerão de sua Real Ascendencia.

## S

- 1 *Sabio,*
- 2 *Sofrido,*
- 3 *E Secreto.*

1 **D** Os graos do fabor, recebem as iguarias o da estimação : como tambem da mayor , ou menor sabedoria dos Principes, o mayor , ou menor valor da purpura : sem ella, nenhum Cetro pòde luzir no trono, 1. pelos enganos a que vive fogeita a insciencia : 2. nem a Republica socegada , pelas diffenções que causa nas potencias a falta do juizo que as governa. 3. A luz da sabedoria não resplandece sem

*Regia Instrucção de Principes.* 101  
sem as noticias das sciencias: as importantes ao governo servem às Altezas, que as cultivão quando Principes, da mesma utilidade, que o provimento dos celeiros, a quem os prepara para o anno da fome, que se livra de necessitar do alheyo, porque anticipou o remedio. 4.

Hum Principe *Sabio* he Piloto experto, que navega com todo o vento. 5. Na prosperidade os nefcios correm praça de entendidos; & os humildes gozão os foros de illustres: mas na fortuna adversa, todos perdem a estimação, porém nunca o *Sabio* a precedencia, 6. porque em toda a parte domina. 7. As sciencias são o Piloto do bom governo: não o ignorarão os Reys D. Diniz, D. Duarte, D. Affonso o Quinto, D.

Joaõ o Segundo, & D. Manoel; 8. & mal poderà governar o lème, quem nunca aprendeo a nautica.

V.R.A. applique-se às sciencias, em que occuparão o tempo os Infantes D. Pedro irmão de El-Rey D. Duarte, D. Henrique, & D. Luis irmão de El-Rey D. Joaõ o Terceiro, & o Principe D. Theodosio. 9. Ao mesmo ouro, q he Principe dos metaes, ornaõ os esmaltes, symbolo das sciencias. 10. Se V.R.A. for *Sabio*, estimarà os *Sabios*, como El-Rey D. Joaõ o Primeiro, D. Duarte, D. Afonso o Quinto, D. Manoel, & D. Sebastião. 11. Sómente os que não tem vista aborrecem a luz; ou porque lhes aggrava a cegueira, ou porque nascèraõ para nunca melhorarem de vista.

2 Mostra o mar o dilatado bojo de seu elemento , em receber as enchentes, & não passar os limites. O sofrimento, he especie da fortaleza, 12. & esperas da prudencia , para a seu tempo punir as culpas. 13. O mayor perigo dos males, he não poder o afflicto soportalos. 14. A impaciencia deslustra o poder, 15. porque o destitue da mayor gloria, que he o sofrimento em quem pòde vingar o aggravo. 16. Tratar bem aos bons, he correspondencia; & ser bom para os que são mãos, he virtude regia, porque a mais perfeita, 17. quando não prejudica ao bem commum. 18. A nobreza da Magestade , he opposta à vilania do ferro , que se abraza em todo o fogo , & corresponde com faiscas a todo o golpe.

V.R.A. agradeça a Deos as molestias, como beneficios; 19. porque tantas settas entranharà em seus contrarios, quantos os louvores que por ellas der ao Altissimo. 20. Com os diffabores se lembraõ os Principes de que são mortaes, & gozão as honras do mundo com os descontos, que nelle tem os predestinados. 21. A constancia, com que El-Rey D. Sancho o Primeiro soportou as calamidades, lhe apurou a paciencia; 22. & aos Infantes D. Fernando, & D. Duarte, beatificou as vidas. 23. Os espinhos com que vive a Rosa, lhe intensaõ a fragrancia, & avivaõ a purpura. 24.

3 Ouvir para revelar, he enter-  
tenimento de quem practica, & naõ  
capacidade de quem governa; 25.  
que



*Regia Instrucçaõ de Principes.* 105  
que deve ser semelhante à Abelha,  
a qual cõmunica em segredo a sub-  
stancia, que colheo das flores. V.  
R.A. ouça, & observe; communi-  
que, sem declarar quem lhe deu a  
noticia, para facilitar o zeloso, &  
naõ acautelar o inconfidente: pon-  
derando, que o mar no segredo dos  
influxos com que move as aguas  
mostra formidavel o governo de  
suas ondas.



## T

1. *Tratavel,*2. *Timorato,*3. *E Temido*

1. **D**E pouca, ou nenhuma utilidade seria para o mundo a producção das fontes, se fora intratavel a fluxaõ de sua corrente: Da mesma sorte a publicidade dos Principes, que pela izençaõ do trato fazem inutil o prestimo de seu talento. 1. A vida solitaria, he profissaõ dos que renuncião o mundo, & naõ dos que o governaõ. Esconde-se o Sol quando desampara o Orizonte, & deixa-se aplaudir quando lhe preside. V.

V.R.A. trate com aquelles que o podem aconselhar, & servir, 2. não se inclinando a inuteis, & facinorosos, para livrar-se da opinião commua, que regula os procedimentos da pessoa pelos da companhia: devida as classes de seu valimento, pela qualidade, & prestimo dos que lhe assistem; como fizeraõ os Reys D.Sancho o Primeiro, D. Duarte, D.Manoel, & o Senhor Rey D.João o Quarto: que se a presença do Sol se deixara igualmente comprehender dos rusticos, que dos sabios, não fora estimada a sciencia de seus contemplativos.

2 O navio, em toda a parte aonde lhe falta a ancora, se vê em perigo: como tambem a consciencia, perdendo o temor de Deos, 3. an-  
cora

cora 4. com que a embarcação da vida persiste na virtude do conhecimento proprio, sem o qual, fluctuâ nas inundações do esquecimento, seguindo a corrente da vaidade. 5. Teme a Deos, quem o ama: 6. & o caminho da virtude, principia pelo do temor: 7. & se a dignidade tâto ha de opprimir no intrinseco, quanto domina no externo; 8. considerem os Principes, o quanto devem temer, para chegarem a amar. Não se qualifica o amor dos homês para com Deos nos effeitos, por onde o mundo julga o amor dos homens para com o mundo: para com este, os que mais o amão, são os que menos o temem; & para com Deos, os que mais o temem, são os que mais o amaõ.

Para V. R. A. temer a Deos como deve, ha primeiro de conhecer o quanto deve a Deos : 9. Este, o creou Catholico , descendente dos mayores Monarcas, & defensores da Igreja, que teve , & tem o mundo : Filho das Magestades mais religiosas, illustres, Prudentes , & caritativas : Deos o creou Principe , para depois o coroar Rey de huma Nação a mais orthodoxa , 10. invencivel, & verdadeira : a mais nobre , & leal a seus Principes : prometendo-lhe a posse deste Reyno , a quem o mesmo Redemptor do mundo escolheo para seu Imperio. O reconhecimento destas dividas, pede hum filial amor , como tinha a Deos El-Rey D. Affonso Henriques, o qual repetidas vezes dizia : *Temo perder*

*por hum peccado a mercé que Deos me fez, & a meus Descendentes. 11.*

Por huma falha, desmerece o diamante mais, do que a prata com muita liga; o dobrado empenho cõ que o creou o Sol, & o estimarão os homês, lhe dobra a desestimação, à vista do precioso.

3 *Temido* de todos, he o rayo: mas com irracionavel modo intimida a todos; porque mais esmorece ao justo, que ao peccador. O rayo, não he Principe, he vassallo da região do fogo; causa da imprudencia com q̃ influe nos temores, a quẽ devia exceptuar nos ameaços. O Imperio não se experimenta na obediencia dos subditos, 12. sim na distribuição do poder. 13. Atemorizar aos justificados, he de quem os  
naõ

*Regia Instrucção de Principes.* III

naõ distingue dos criminosos : imprudente respeito, o de algũs Principes , que ufaraõ da Magestade , como se fora contagio, & não remedio: 14. este, defende a quem o abraça , & não repara a quem o desestima ; o que não faz o contagio, porque mata aos que lhe assistem , & perdoa aos que lhe fogem.

V.R.A. de tal sorte se faça *Temido* dos vassallos, que o não temão pelo que pòde , sim pelo que merece. 15. O poder , & o merecimento dos Principes differem, em que este attrahe, & aquelle violenta: este dominio he tirannico , o outro Paternal : & todo o Rey Lusitano , que se nega a Pay dos subditos , desmerece o soberano titulo de seu Rey natural. Porque ainda do Sol , que sem-

sempre he o mesmo, disseraõ algũs, que não era proprio creador das flores o Sol que as murcha, senão o que as vivifica.

# V

1 *Virtuoso,*

2 *Vigilante,*

3 *E Veneravel.*

1 **S** Aõ as virtudes do Principe, todo o valor, 1. & gala da sua purpura: 2. do seu mayor estudo deve resultar o conhecimento, de que o seu credito pende de sua virtude. 3. Impropriamente se intitula Rey, o que vive mal: 4. não pòde governar com acerto, quem



quem não vive reformado; 6. para  
q̄ cō o vigor de seu exēplo reprima  
a soltura de seus vassallos. Disgra-  
çado o Reyno, onde o Príncipe for  
distrahido; & bem afortunado, o  
q̄ o possuir *Virtuoso*: 7. como o Sol  
eclipsado, he todo o Príncipe mal  
procedido, porque diminuto nos  
resplandores, & nocivo nos influ-  
xos.

V. R. A. lembre-se que duas cou-  
sas se esperão de hum Príncipe per-  
feito; & vem a ser: virtude na vida;  
& esforço nas armas: 8. com a vir-  
tude se compra o poder; 9. & com  
a immodestia a froxidão. 10. A que  
potencias não amortecem os vicios?  
E a quaes não avivaõ as virtudes?  
11. O cilicio, & disciplinas, que se  
achàraõ a El-Rey D. João o Segun-  
do

do depois de sua morte, 12. foraõ os clarins de sua fama, porque ha-vião sido a protecção de seus exercitos. Prevalece o Carbunculo a todas as mais pedras preciosas que se lhe oppoem, com a mayoridade da luz que o clarifica: o excesso da virtude o faz prevalecer ao valor dos competidores.

2 A serenidade do mar, não escusa ao Piloto do cuidado do leme: a inconstancia das aguas, & a variedade dos ventos, não lhe admitem descuido na obrigação do officio. Embarcação exposta a iguaes contrastes, he a conservação de hum Reyno: 13. este, não pede menos vigilancia a quem o governa, do que a embarcação, a quem a encaminha: cresce a tempestade dos cuidados,

con-

*Regia Instrucção de Principes.* 115  
conforme a extenſão do Senhorio.  
14. O Leão não fecha os olhos quã-  
do dorme, cerrando-os os animaes  
todos quando deſcanſão; he Rey de  
todos o Leão, & por eſta cauſa abre  
os olhos, quando os demais os fe-  
chaõ.

Senhor, a vigilancia em todos,  
he diſpoſição da alma, com que eſta  
domina os ſentidos, & as virtudes  
externas. 15. Accreſcem aos Prin-  
cipes mayores obrigaçoẽs, que aos  
vaſſallos, para ſegurarem a conſciẽ-  
cia. 16. Nenhum dos animaes corre  
em hum dia mais terra que o  
Leão: 17. nenhuma das Aves pene-  
tra tanto o elemento do ar, como  
a Aguia: eſta, em aquietando  
do voo, & o Leão em ſocegando do  
curſo, deſbaſtão em huma ſó hora

a preza, que nenhum de seus vassallos consume em todo o dia. 18. Visitar as terras de seu Reyno, & accelerar a expedição dos pleitos, são o demonstrativo da vigilancia dos Principes. O cuidado com que El-Rey D. Pedro o Justicoso expedia os despachos, fazia abreviar as sentenças, & executalas, 19. foi a mayor sentinella, que podiaõ ter os vassallos na guarda de suas fazendas, & os Ministros, na inteireza da justiça. A visita que o mesmo Rey D. Pedro o Primeiro, & outros mais fizeram à demarcação de sua Coroa, os advertio na *Vigilancia* de seu governo, dandolhe presencial conhecimento do remedio, de que necessitava. Curar por informações, he expor a virtude das medicinas aos

erros

*Rezia Instrucção de Principes.* 117  
erros dos informantes.

3 Na gravidade , & valentia do gesto, com que o Artifice compoem a imagem, lhe infunde o respeito. O retrato de hum Principe , não se inculca sómente pela eminencia da Coroa , tambem se dà a conhecer pela soberania da Magestade. 20. O *Veneravel* aspecto , & decente gravidade andão anexos às mayores virtudes : 21. ou para se inculcarem regias, ou para se divizarem soberanas : De pouco importa a fidalguia do lenho para os agrados da vontade, se desmerece pelo feitio , o que outro mais inferior avultã pela imagem.

V.R. A. inculque a soberania no gesto , não faltando nunca ao agradavel : 22. espinha-se a mão ao co-

118 *Abecedario Real, &*  
lher da Rosa, & recreaõse os olhos  
quando a vem: assim foi a presença  
de todos os Reys Lusitanos, para  
com seus vassallos: não particula-  
rizo a nenhum, porque todos, qual  
outra Rosa, nascèraõ ornados da  
purpura, & armados do respeito.

## X

*Xavier*

- 1 *Por affecto,*
- 2 *Por imitação,*
- 3 *E Por officio.*

1 **O** Caminhante previsto  
nos infortunios da jor-  
nada, vale-se do arrimo para ampa-  
ro das forças. E que jornada mais  
peri-

*Regia Instrucção de Principes.* 119  
perigosa, que a de hum governo?  
nem mais distante que a do Ceo?  
Tutelares de hum, & outro cami-  
nho, escolheo para V. R. A. a Ca-  
tholica devoção da Rainha nossa Se-  
nhora o patrocínio de muitos San-  
tos; entre elles, o de hum *Xavier*  
Apostolo da India, & o de hum *São*  
*Bento Principe dos Patriarcas*, paren-  
te de V. R. A. pela Augustissima  
Casa de Austria; 1. & Progenitor es-  
piritual de muitos Santos, com que  
se authoriza a Real Casa do Palati-  
nado. 2. Bastavaõ estas duas colum-  
nas, que acompanhasssem o nome  
de V. R. A. para que em todas as  
partes do mundo a que elle chegar,  
seja o *non plus ultra* da estimação:  
mas em tudo inspirada a providen-  
cia, que soube accumular as luzes do

Empireo, a quem esperamos descubra, & fogueite novas terras a seu Imperio.

A todos se aventaja na devoção da Rainha nossa Senhora a intercessão do Santo *Xavier*, a cujas novenas encomendou, & attribuio o Fructo de nossas esperanças, em o nascimento de V. R. A: & com superior respeito, porque era devida remuneração dos merecimentos de hum Justo, a quem augmentou os grãos da gloria, o levar a luz Evangelica à região das sombras; amparar este Reyno com o feliz parto de hum Principe, cujos vassallos, em conquistarem a India, abriraõ as portas, por onde este Sol introduzio as luzes.

Assim que, *Xavier* por affecto,  
por-



porque obrigado ao patrocínio de sua virtude, se deve V.R.A. mostrar *Xavier* na estimação de sua Família : reconhecendo , que a devoção com os Santos , he unguento que modifica as dores d'alma , 3. & fara as do corpo: 4. como experimentou El-Rey D. Pedro o Justicoso, na que teve ao Apostolo S. Bartholomeu : 5. & desobrigará ao Santo de seu Protector, nos acertos do governo, se for esquecido da intercessão com que elle alcançou de Deos o crealo Principe : porque as Aguias desemparão os filhos , que desprezão os agrados do Sol , com que ellas lhe alcançãrão da natureza o nascerem Aguias.

2 *Xavier* por imitação , que val o mesmo, que inclinado às virtudes,  
que

122 *Abecedario Real, E*  
que o constituirão Santo. Quem venera o patrocínio, ha de imitar a vida do que implora; 6. porque he mais offensa, que respeito, amar ao Santo, & não à santidade que o poz no Altar: 7. animando-o para a imitação, o conhecimento de que o *Grande Xavier* foi homẽ como todos, & que não obrou cousa impossivel à nossa natureza: 8. & se as estradas do mundo estão expostas a quem as pòde trilhar; as veredas do Ceo, estão patentes a toda a sorte de pessoas, que as quizerem seguir.

3 *Xavier por officio*, esperamos em Deos seja V. R. A. nos effeitos. O officio que este *Inclito Heroe* exercitou na India, foi, augmentar a este Reyno os Senhorios, & nelles a Deos o devido culto: 9. obrigação

pro-

propria de hum Principe Lusitano ; comparado em suas forças ao empenho, com que a Lua atrahê os vapores para triunfo do Sol, de quem recebe a luz ; dispondo-os na vassallagem, a obedecerem com mais promptidão às determinações do Sol.

## Z

### *Zeloso*

- 1 *Do serviço de Deos,*
- 2 *Da observancia das Leys,*
- 3 *E Do bem commum.*

I **T** Res cousas constituem a toda a planta agradavel, & proveitosa : as folhas, flores, & frutos : nellas se resumem todas

das as utilidades das arvores ; & nestes tres generos de zelo, toda a perfeição da politica Christãa. A virtude, he o lenho ; o zelo em commum, as folhas ; o zelo discreto, as flores ; & o devoto, os frutos. 1. O zelo he producção da virtude, & muitas vezes influxo da vingança : 2. este zelo he desordenado, porque fingido : & o outro discreto, porque verdadeiro. Toda a virtude sem zelo, he arvore sem folhas, porque sem gala ; o zelo indiscreto, folhas sem frutos, porque inutil ; & com discrição, flores com frutos, porque virtuoso. 3.

O zelo discreto he animado da caridade, vestido da sabedoria, firmado da constancia, fervoroso, circunspecto, & invencivel : 4. este zelo

zelo he Real , porque supremo : & não sendo discreto, he pernicioso, 5. porque semelhante às folhas da arvore infructifera, defendem as proprias raizes , enfraquecem as demais plantas, succandolhe a substância da terra , com que cuidadas de si, tratão de assombrar as mais.

O zelo discreto termina-se à utilidade das almas , que he o sacrificio mais agradavel a Deos; 6. & o sustento mais gostoso aos justos. 7. E por esta razão , o fervor mais natural aos Principes ; como o tem sido o dos Reys de Portugal em suas conquistas, empenhando os thesouros para augmentarem á Igreja o numero dos fieis : & o dispendio com que hoje lhe assistem , para conservação do Christianismo. Senhor,

nhor, o zelo dos Principes que se não termina a mayor gloria de Deos, he calor desordenado, que se atèa em hum corpo, não para o sustentar, si para o consumir.

2. *Zeloso da observancia das Leys*, com o fim de castigar para emenda, & não por vingança: 8. porque o zelo que nega o perdão, não he zelo, he odio. 9. Na moderação do zelo se descobrem as entranhas da piedade: 10. que por esta causa derão alguns a El-Rey de Portugal D. Pedro o Primeiro o nome de Cru, porque não admitia o arrependimento dos culpados. 11. As Leys antes que se promulguem, devem conferirse com os preceitos Divinos, parecer dos sabios, uso das terras, & utilidade dos povos: 12. a sua obser-

*Regia Instrucção de Principes.* 127  
observancia, he a alma que lhes dà  
vida; 13. mas não com tanto rigor,  
que não padeça (qual outra vida)  
os achaques temporaes na alteração  
dos humores.

3 *Zeloso do bem commum*, está V.  
R.A. obrigado ser mais, que da uti-  
lidade propria: esta, he todo o cui-  
dado dos humildes; 14. & aquelle,  
a mayor glória das Magestades. 15.  
O bem commum não tira a hone-  
sta conveniencia particular; nem  
esta, o deve alienar da utilidade cõ-  
mua, pelo que deve à imitação do  
justo, quem governa vassallos. 15.  
Que de Reys Lusitanos empobre-  
cêraõ os thesouros proprios, para  
acrescentarem os cabedaes dos sub-  
ditos? Não os divizo, porque a hũs  
a liberalidade, & à mayor parte del-  
les

les o amor, esgotou a fonte para enriquecer os regatos : mas tudo conveniências do mar , donde emanão as aguas, porque estas sempre se recolhem ao centro com mayores cabedades, do que sahirão.

Senhor, todos nascemos orfãos de merecimentos, assim Principes, como vassallos. As riquezas que nos haõ de acõpanhar a vida d'alma, são as virtudes da vida : a de hum Principe, como fomenta mayores distancias, expoemse a se recolher com mayores thesouros , ou com mayores encargos. Para as aguas correrem proveitosas , usaõ os agricultores de as encaminhar por veredas, & aqueductos, em que se aproveitem , & naõ se desperdicem : o mesmo intento , com affecto de leal vassal-



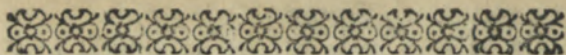
*Regia Instrucção de Principes.* 129  
vassallo , me animou a guiar estes  
primeiros annos de V. R. A. pelos  
caminhos consentaneos ao serviço  
de Deos, & utilidade do Reyno : em  
V. R. A. seguir as pizadas de seus Af-  
cēdentes, cōsiste a fertilidade de seus  
progressos : & confio na protecção  
Divina , que as esperanças de seus  
Reaes Progenitores se multipli-  
quem fundadas na educação de V.  
R. A; para que não só imite, mas  
exceda as virtudes de seus Ascen-  
dentes, & com ellas lhe assistão os  
fados , que conduzem ao logro da  
boa fortuna.

*Spesque Patris, Matrisque auge,  
Superesque Parentum  
Vota, fluant Hermus, Lydiaque  
unda tibi.*

Jovian. Pontan. lib. i. de amore  
Conjug.

**LAVS DEO.**





CARTA DE NOMES,  
O U

Significação dos seis nomes Reaes

Do Serenissimo Principe de Portugal

D. IOAM FRANCISCO,  
JOSEPH, ANTONIO, BENTO,  
E BERNARDO,

Para entretenimento de sua Real Infancia.

DECIMA.



Osso nome, Senhor, he  
JOAM, por Graça estimado,  
FRANCISCO por Signalado  
Nas Chagas Quinas da Fé:  
Sereis no Augmento hum JOSE,  
Tendo de ANTONIO o Resguardo,  
Pois he Portuguez galhardo;  
E para Reger com tento  
Saude tereis de hum BENTO,  
Tereis Valor de hum BERNARDO.

*De Fr. Antonio Lopes Cabral,  
Cappellão do numero, E serviço de El-Rey N. Senhor.*

CAJUTA DE BEM-ESTAR

Preparado por o Sr. Dr. ...

D. JOAQUIM FRANCISCO

JOSEPH ANTONIO BENTO

F. FERREIRA

D. OLIMARIA

Este nome, Senhor, he

OLIMARIA por Graça e honra

FRANCISCO por Sigalado

Meu Chaz e ...

Seis no Argumento ... JOSE

Tendo como ... e Regimento

Por he ...

E por Reges ...

Saude e ... BENTO

Tudois Valor de ... FRANCISCO

De Fr. Antonio ...

Capitulo ...



# INDICE


Das Authoridades com que se exornão os 63. discursos deste Abecedario.

## DEDICATORIA.

\* *Et lacte implevit utrumque lato  
 posuit in clypeo. Theocritus loquēs  
 de Alcmena Matre Herculis.  
 Reptastis per scuta puer.  
 Claudian. Ad Honorium Imper.*

## A

Amante.

1  *Lvaro de Vera Othogr.  
 Portug. lit. A.*

2 *Masculus statim clamat  
 A, plorans casum Adæ, & fæ-*

1. mina E, plorando casum Eva.  
Micha. Aguan in Psalm. 50.
3. Cor in quatuor effectibus est, quid diligas, quid metuas, unde gaudeas, seu contristeris. D. Bernard. de jejun. serm. 2.
4. Quomodo amor mortalis non attingit eos qui sunt adhuc infantes: ita etiam in divina pulchritudine qui est adhuc infans, & fluctuat, & in omni vento doctrinae circumfertur. D. Gregor. Nissen, Homil. 1. in Cantic. Cantico.
5. Nemo potest rectè terrena regere, nisi prius divina tractaverit. D. Greg. Magn. in Règ. lib. 4.
6. Difficile est ut bono peragatur exitu, quæ malo sunt inchoata principio. Leo Pap. in quadam Epist. 5.
7. O felix amor, ex quo oritur strenui-

- tas morum , puritas intentionum, subtilitas intellectus, &c. D. Bernard. lib. de Diligend. Deo.*
- 8 *Bonus, vera via nititur, sed ignavus, quia bonæ artes desunt, dolis atque fallacijs contendit. Sallust.*
- 9 *Nam amor Dei, & proximi, sunt duæ alæ anime 1. ad benè & sollicitè vivendum & agendum. Geminian. lib. 4. de Natatib. & Volat. cap. 55.*
- 10 *Consta de sua vida, fol. 25.*
- 11 *Qui Dei præcepta contemnit, Deum non diligit: neque enim Regem diligimus si odio ejus legem habemus. S. Isidor.*
- 12 *Reverentia est honor quem tam in verbis quàm in factis alicui exhibemus. D. Thom. 2. 2. q. 81. art. 2.*
- 13 *Espelho de Lusitanos, fol. 29.*

- 14 *Ubi honor non est, ibi contemptus est. D. Hieron. in Epist.*
- 15 *Per amorem Dei amor proximi gignitur. D. Greg. Magn. in Homil. sup. Evang.*
- 16 *Aliorum Regum si exitus reputaveris, plures a suis, quam ab hostibus interemptos invenies. Curti. lib. 9.*
- 17 *Conto Dec. 6. Ar. 10. Ca. 5. Duarte Nunes descr. de Portug. c. 86. Mariz Dia log. 4. cap. 11.*
- 18 *Ille tutus est Rex, qui sic subditos imperat, tu parentes filijs. Agisilaus apud Pluth. in Apotheg.*
- Amado.
- 19 *Parallos de Principes, fol. 8.*
- 20 *Vnum est Regi inexpugnabile munimentum, amor civium. Senec. de Clement.*



## Animoso.

- 21 *Animo aliquid melius esse, eique præesse non potest. Arist. lib. 1. de Anim.*
- 22 *Socrates in mentem induxerat omnium possessionum humanarum maximè divinum esse animum. Libanius Declam. 29.*
- 23 *Corpus multis eget rebus ut valeat: animus ex se crescit, se ipsum alit, se exercet. Senec. epist. 51.*
- 24 *Magna & generosa res est animus, in quo Princeps nunquam senescit, in æternum vivit. Quirit. de fortitud. lib. 3. §. 40.*
- 25 *Rectè invictus, cujus etiam si corpus constringatur, animo tamen vincula injici nulla possunt. Cic. 3. de finib.*
- 26 *Animi morbi sunt cupiditates,*  
Etc.

- Et c. Idem lib. 1. de finib.
- 27 *Animus noster modò Rex est, modò Tyrannus: Rex cum honesta intuetur, Et c. Senec. epist. 114.*
- 28 *Animus absque prudentia, non animus, sed temeritas est. Quirit. 1. §. 21.*
- 29 *Fortitudo vestra ut favilla stupæ, Et opus vestrum quasi scintilla, Et succendetur utrumque simul. Isaia 1.*
- 30 *Viridicus. Naturalis hist. c. 3. §. 37.*

## B

### Bellicoso.

- 1 **A**nimus solus nec cum adest, nec cum discedit apparet. Cato maior.
- 2 *Non in luto, sed in ferro testatur*  
ani=

*animus. Crimit. lib.4. de Fortit.*

3 *Barros Decad. 1. l. 5. c. 1. § 13.*

4 *Quid desideratis? quid adhuc statis armati? quasi daturi leges, & non accepturi. Egesippus cap. 46. lib. 5. de excidio Hiero.*

5 *Synesius Epist. 107.*

6 *Vbi arma non sunt liberè loquor. Patron. Arbiter Satyrico Poëma.*

7 *Petrus Greg. de republ. l. 22. c. 11. Benefico.*

8 *Largitas & liberalitas, & beneficia, regiæ laudes sunt. Lactantius.*

9 *Maurique Auspurg. de reb. sui temp. §. 34.*

10 *Liberalitate vitia teguntur. Maximus in histor. Saxon.*

11 *Mariz Dialog. 3. cap. 5. in fin.*

12 *Tum illud unum considerandum est,*

est, ut pro dignitate cujusque tribuatur, in quo mores spectandi ejus, in quem beneficium conferatur. Cicer. 1. officior.

13. Quod vi datum est, non putes beneficium, sed prædam. Maxim. in histor. Saxon.

### Benevolo.

- 14 Liberalitatis duo sunt maximè probabiles fontès, verum judicium, & honesta benevolètia. Idem l. 4.
- 15 Benevolètia autem quam quisque habeat erga nos, primum illud est in officio, ut ei plurimum tribuamus, à quo plurimum diligimur. Cicer. 2. officiorum.
- 16 Ful. Cæs. orat. 2. ad Euseb. Imper.
- 17 Panorm. l. 2. de Alexand. reb. gest.
- 18 Ful. Cæs. ad Constant. Paneg. 1.
- 19 Pisanus de Alexand. Panegyri. 7.

## C

## Catholico.

- 1 **N** *Ullam se vidisse, ac nosce inter Christianos gentem, quæ tam pio affectu, constantique zelo fidem Christi Domini amplecterint. Massæus in vita ejus.*
- 2 *Vt principis est in omni virtute populo præire, ita in religione maximèque Princeps & caput virtutum, &c. Lipsius de una religion.*
- 3 *Qualis rector civitatis, tales inhabitantes in ea. Eccles. cap. 10.*
- 4 *D. Thom. 2.2. q.92. art.10.*
- 5 *D. Aug. sup. illud Matth.7. Qui veniunt, &c.*

## Circumspecto.

- \* *Quidquid præter opinionem invenire in bello potes, priusquam ingrediare.*

grediare considera. *Fucyd. lib. 1.*

6 *Mariz Dialog. 5. cap. 3.*

7 *In omnibus, quid tempora petant, aut quid personis dignum sit, semper considerandum est. Cicer. 2. de Inventio.*

Confiado.

8 *Utrumque in vitium est, & omnibus credere, & nulli. Sen. ep. 3.*

9 *Expedit multo bene timere, quam malè fidere. D. Aug. de singular. Clericor.*

10 *Mariz cap. 14.*

11 *Rezende, Ruy de Pina, & Mariz na sua vida.*

12 *Rex qui nulli fidit, inutilis est: nec minus qui omnibus. Erasmus apud Platin.*

## D

## Docil.

- 1 **M** Ariz na sua vida.
- 2 **M** Duarte Nunes de Leão,  
Chron.d'el-Rey D. Affonso V.
- 3 Docilitas est aptitudo bene acquir-  
rendi rectam opinionem ab alio, si-  
cut solertia a se ipso. D. Thom. 2.  
2. quest. 48.
- 4 Cujusvis hominis est errare, nul-  
lius nisi insipientis perseverare in  
errore. Cicer. Phil. 2. & D. Thom.  
2. 2. q. 49. art. 3. & II. Metaph.  
lib. 6. text. 1.

## Discreto.

- 5 S. Isidor. Pelus. lib. 2. epist. 175.
- 6 Prudentia, proprie est virtus  
Principum. Aristot. Polit. 2.

- 7 Cardinal. de Aguirre disp. Mor.  
disp. 11. q. 3. sect. 1. n. 3. & seq.
- 8 Prudentia est rerum bonorum, &  
malorum scientia. Cic. l. 2. Rhet.
- 9 Aristot. de virtut. & viti. divis.
- 10 D. Ambr. lib. 22. Moral.

## Desinteressado.

- 11 Princeps se Regem esse, non mercatorum meminerit. Curt. lib. 1.
- 12 Lucrum est auxilium indigentia.  
Arist. Ethicor. 8.
- 13 Raulin. de Vivar epist. 33.
- 14 Duarte Nun. em sua Chron. &  
Mariz Dial. 3. cap. 4.
- 15 Mariz na sua vida, & o insigne  
Manoel de Faria.
- 16 Ibi.



## E

## Esmoler.

1 **Q**uidquid tribuitur pauperi,  
 si subtili consideratione  
 pensatur, non est donum, sed  
 mutuum; quia quod datur, sine  
 dubio multiplicato fructu recipitur.  
 D. Greg. Magn. in Registro.

2 D. August. de verb. Domin.

3 D. Joann. Chrysof. homil. 18.

4 Marian. lib. 13. cap. 12.

5 Mariz nas suas vidas.

## Expedito.

6 Honestius est rem negare, quam  
 longos terminos dare; quia minus  
 decipitur cui celeriter negatur.  
 Cassiodor. lib. Epistol.

7 Sola spes hominem in miserijs con-  
 solar

solari solet. Cicer. in Catilin.

- 8 Semel dedit, qui rogatus: qui non, bis. Plin. jun. in hist. Saxon.

Eloquente.

- 9 Joseph Langius, & Dominic. Nanius verbo eloquentia.

- 10 Tribus modis homines aggreditur: aures penetrando, oculos demulcēdo, & animos invadendo. Senec. in Epistol.

- 11 Magna eloquentiæ vis potentissimos etiam Reges repugnat. Demosth. 1. Olynth.

- 12 Inimicos domat, & cavillationes de vanescit, quia eloquentia etiam saxos obedire fecit. Raulin. in quodam serm.

- 13 Ex duobus imperfectis, melius est rusticitatē sanctam habere, quam eloquentiam peccatricem. D. Hier. ad Nepot. Sunt

14 Sunt qui disertis esse malunt, quam boni. Quintil. lib. 12.

\* Vide Mariz, Manoel de Faria, & todos os AA. que lhe escrevêrão as vidas.

15 Si continuè & multa, & celeritè loqui signum esset prudentiæ, birundines dicerentur multo sapientiores nobis. Socrat. apud Stobæum. Philem. ibid.

## F

### Fervoroso.

1 Bertorius, Titulo Fervor §. 1.

### Firme.

2 Inconstantia non solùm levitatis signum, sed totius dignitatis vituperium. Joani. Abosco Vergomens. de stat. Princip. lib. 2. §. 6.

- 3 *Princeps inconstās corpus sine ca-  
pitate, caput sine oculis, & caput  
sine mente. Ibi, lib.4. §.14.*
- 4 *Chronica de El-Rey D. Duarte,  
cap.19.*
- \* *Sæpenumero animadverti, (inquit  
Chrysantas) Principem bonū a pa-  
tre bono nihil differre. Xenoph. de  
Institut. Cyr. lib.8.*
- 5 *Inconstans mentē cæcus, aut sur-  
dus. Demost. apud Stobæum.*
- 6 *Non satis judicare quid faciendum  
vel non faciendum sit, sed stare  
etiam oportet in eo quod sit judica-  
tum. Cicer. 2. de finib.*

## Fabricador.

- 7 *Vide Mariz, & os demais Chro-  
nistas que escrevêraõ sua vida.*
- 8 *Ibidem.*

## G

## Grato.

- \* **N**am demus vel non demus,  
in nostra potestate est, &c  
*Senec. in quadam Epist.*
- 1 Non esse superiorem in referendo,  
quam in conferendo beneficio ; hoc  
est esse inferiorem. *D. Ambr.*
- 2 Ingratus quisquis est, is maiorem  
in modum Deos, parentes, ac pa-  
triam negligit. *Stobæus de ingrat.*
- 3 Nam qui gratè beneficium accipit,  
primam ejus pensionem solvit. *Se-  
nec. 2. de benef.*
- 4 *D. Aug. Man. na vida de Dom  
Duarte de Menezes, lib. 1. n. 22.*
- 5 *Severim na vida de Ioaõ de Bar-  
ros, fol. 53.*

- 6 *Sapiens omnia examinabit secum, quantum accipit, a quo, & quando, ubi, quemadmodum: itaque negamus quemquam scire gratiam referre, nisi sapientem. Sen. 3. Ep.*
- 7 *Qui quanta sibi gratia collata sit, nescit, quantas largitori grates debeat, non intelligit. Cassiod. in quad. Epist.*

### Generoso.

- 8 *Generosus ita differt à nobili, quod nobile est id, quod ex bono prodijt genere; generosum, quod a sua natura non degeneravit. Arist. lib. 1. de Anima.*
- 9 *Generosos homines semper, & ubique fortiter agere decet. Procop. de bell. Vandal. lib. 2.*
- 10 *Generosi hominis est, honestis rationibus victoriam quærere; turpibus,*

*pibus, ne salutem quidem. Plutarc.  
in Sertor.*

- 11 *Viri generosi, & potentēs in omni  
statu, ve fortuna, semper idem esse  
debēt. Solus humilis desinit esse se-  
cundū prospera, vel aduersa: ideo  
humilis, quia variabilis. Pötianus  
de Véra Politi. Vari. lib. 3. §. 70.*
- 12 *Turpe est generosum hominem in-  
genium in vilibus rebus ostentare.  
Nicephor. Greg. hist. lib. 19.*
- 13 *Nobiles & fortes viri, antequam  
contumeliam patiantur, mortem  
sibi anteponendam putant. Xiphi-  
lin. in Cas. August.*
- 14 *Vasconcellos in Princip. Ferdin.  
Diogo de Torres hist. dos Xarifes  
c. 94. Faria Epitom. 3. p. c. 12. n. 4.  
Germanado.*
- 15 *Fædera sancta sunt apud eos ho-  
mines,*

- mines, apud quos juxta divinas  
Religiones fides humana colitur.  
Livius Dec. 1. lib. 9.
- 16 Qui dereliquit amicitiam Dei pro-  
pter hominis amicitiam, non Dei,  
sed hominis cultor: non Cæli, sed  
infernus heres. Ioann. de Ormiza,  
tract. de una fide lib. 13.
- 17 Non qui vis socij, sed potentes assu-  
mendi sunt, quorum societas non  
sit nobis onerosa, sed auxiliaris.  
Sylus ex Comineo.
- 18 Iacobus Polancus de var. hist. &  
Berçor. verbo Fædus.
- 19 Marian. hist. Hispan. lib. 11. c. 13.  
& lib. 16. c. 7. Mariz, & todos os  
Chron. que escrevêrão suas vidas.



## H

## Habil.

1 **H**omines te habilitavere,  
sed insipientia tua tecum  
nata fuit, & semper erit. Gregor.  
Manriq. de vera disc. Pol. n. 124.

2 Deus documenta dedit, Patres do-  
cumenta explanarunt, Principes  
autem nati sunt sicut ceteri homi-  
nes rudi, & macilenti, & c. ibi n. 2.

3 Vide Mariz nas suas vidas, &  
o Reverendissimo P. Fr. Rafael de  
Iesu, Chronista mór do Reyno, to.  
2. da vida d' El-Rey D. Ioão o IV.

## Honesto.

4 Honestas est virtus attractiva,  
omnia movet, omnia superat aspe-  
ctu suo. Ioan. Clima. & Tullius  
lib. de Finib.

Opor=

- 5 Oportet Principem etiam moribus imperiū docere (ait Pitaccus apud Stob.) quia honestas ubi adest, maiestas lucet, ubi deest, non apparet corona. Ioan. supra.
- 6 Si vis probus, si vis potens, si vis magnus esse, & honestate debes cæteros, non malignitate superare. S. Salvian. in fin. lib. 5. de Gub. Dei.
- 7 Honestum etiam si nobilitatum nō sit, aut etiam si à nemine laudatur, tamen laudabile est natura, &c. Cicer. 1. officior.
- 8 Viridicus natural. hist. cap. 7. §. 3.
- 9 Abstinentum est spectaculis, verè imperantibus, nam qui ridiculis gaudent, Imperij maiestatem minuunt, ait Themistocl. : eodē modo, omnes Principes, qui inhoneste vivunt : impudicitia vero esse, & impe-

*imperia minuit. Eritius Patercul.*

*3. de Regim. Princip.*

10 *Historia natural de Virid. supra.*

11 *Mariz nas suas vidas, & o In=*  
*signe Faria.*

Honorifico.

12 *Honorans alios, se ipsum honorat.*

*D. Chryf. sup. ep. ad Hebr. ho. 25.*

13 *Qua in civitate nõ maximus vir=*  
*tuti honos tribuitur, in ea optimus*  
*civitatis status stabilis, & firmus*  
*esse nullo modo potest. Arist. lib. 2.*  
*de Republ. cap. 9.*

14 *D. August. Manoel na vida de*  
*D. Duarte de Menezes lib. 1. n. 22.*  
*& Christovão Ferreira na vida*  
*de El=Rey D. Ioão o II. Faria no*  
*Epitome. Mariz Dialog. 5. cap. 1.*  
*ibi Dialog. 4. cap. 19. Damião de*  
*Goes Chron. d' el=Rey D. Manoel*

4. p. cap. 84. Fr. Rafael de Iesus 2.  
p. da vida d'el-Rey D. Ioão o IV.
- 15 Magni fiunt animi magnis hono-  
ribus. Livius Dec. I. lib. 4.
- 16 Tot imitatores quot virtutes au-  
gentur Principis. Rabanus de  
Exemp. Princip.
- 17 Christovão Ferreira na vida d'el-  
Rey D. Ioão o II. Faria, Duarte  
Nunes Descrição de Portug. Bar-  
buda Apolog. & Sebast. de Agui-  
lar, Principe Perfeito, fol. 30. ex-  
emplo 4.

## I

## Industrioso.

- 1 **P**eritiam Ars, imperitiam  
Fortuna sequitur. Pl. de Rh.
- 2 Præclarum quidem est etiam per  
fortunã inter illustrissimos admira-  
tione

tionem esse, sed multo præstantius est industria sua, &c. Demosth. orat. amatoria.

- 3 Alterum mater, alterum industria gignit. Maximus lib. 8.
- 4 Quæ bona sunt, meliora fieri possunt arte; & quæ non optima, aliquo modo acui tamen & corrigi possunt. Cicer. lib. I. de orat.
- 5 Experientia artem facit. Aristol. Metaph. I.
- 6 Pater meus Bercor. verbo Ars.
- 7 Diligens industria utilior quam bonum ingenium. Stobæus.
- 8 Christovão de Freitas supra, & Mariz, Fr. Rafael 2. p. d'el-Rey D. Ioaõ o IV. & no seu Castrioto Lusit. Consta de sua vida.
- 9 Platode natura Nomi.

Incanfavel.

10 *Semper idem usque ad non idem  
Caesaris natura est. Quiritus de  
maiest.*

11 *Mariz Dialog. 4. cap. 12.*

Iustificado.

12 *Iustificatio ex amore, & timore  
procedit. D. Bernard. sup. Psalm.  
Qui habitas.*

13 *Magnificentia Domini est peccatoris  
iustificatio. D. August. sup.  
Psalm. 110.*

14 *Euripid. apud Stobaeum.*

15 *Duarte Nunes Chron. d'el-Rey  
D. João o I. cap. 10.*

16 *Fernão Lopes Chronista d'el-Rey  
D. Ioaõ o I. p. 1. cap. 28.*

## L

## Livre.

- 1 **L**ibertas ubi non est, nec me-  
ritum. D. Bernard. de Gra-  
tia, & lib. Arbitr.
- 2 Marizna sua vida.
- 3 Regium est ita vivere, ut non  
modo homini, sed ne cupiditati  
quidē servias, &c. Cic. Pro Sylla.
- 4 Quid prodest, quod liber est in na-  
tura, qui servus est conscientia?  
Videmus nos extrinsecus generis  
claritate sublimes, intrinsecus mē-  
tis infirmitate degeneres: innocen-  
tum Dominos, & criminum ser-  
vos. Euseb. Emiss. ho. 3. de Pascha.
- 5 Marizna sua vida.

## Lembrado.

- 6 *Quamvis gubernatio sit officium capitis, sine memoria est caput sine corpore. Epictetus apud Stassum de Christian. Princip.*
- 7 *Principis est virtus maxima nosce suos. Martial lib.8.*
- 8 *Mariz na sua vida, Christovão Ferreira na vida de El-Rey D. Ioaõ o II. lib.4. fol. 89. & Fr. Rafael de Iesus na 2.p. da de El-Rey D. Ioaõ o IV.*

## Luzido.

- 9 *Ornatus autem, & deliciae sunt necessarij tripliciter, scilicet propter infirmitatem, consuetudinem, & dignitatem. D. Thom. 4. sentent. dist. 15. q. 2. art. 3.*
- 10 *Sub quavis veste bene colitur pietas. D. Bernard. in Epistol.*



- 11 *Astitit regina à dextris tuis in vestitu deaurato: quia vestis nuptialis est proprium ornamentum maiestatis. Chrin. sup. Psalm.*
- 12 *Superfluitas etiam ipsam maiestatem detrucidat. Quiril. de Rep.*
- 13 *Ornatus superfluus Principis, aut civium est indigentia civitatis. ibi.*
- 14 *D. Gregorius Magn. in Hom.*
- 15 *Todos os q̄ escrevêraõ suas vidas.*
- 16 *Sordidae vestes, candidae mentis indicia sunt. D. Hier. ad Rusticum.*

## M

### Misericordioso.

- 1 **S**ola misericordia est, cui omnes virtutes cedere honorabiliter non recusant. Cassiod. in Epist.
- \* *Misericordia artem non habet. D. Hieron.*

- 2 D. Aug. in qq. ex utroque testam.
- 3 Iustitia sine misericordia non est  
iustitia, sed crudelitas. D. Chrys.  
sup. Matth.
- 4 Cicer. 2. officior.
- 5 L. Capitaliũ 28. §. Famosos de pæn.
- 6 Ipsa regentis clementia verecun-  
diam facit. Senec. de clement.
- \* D. Bernard. in Sermomb.
- 7 Est clementia hominibus necessa-  
ria, maximè autem Imperatoribus.  
Senec. de clement.
- 8 Misericors vir pretiosa res est.  
Chrysof. hom. 4. de verb. Isaie.
- 9 Commũmente todos os AA. que  
escrevèraõ delle. Mariz na sua  
vida. Epitome, &c.
- 10 Consta de sua vida.  
Memoravel.
- 11 Etiam post mortem permanet no-  
men

*men nostrum. Tucidid.*

12 *Non sunt pericula, sed amœnitates  
omne quod ad famam conducit.  
Eurip. apud Roderic. Ausburg. de  
fama, & ejus amator.*

13 *Fama necessaria homini propter  
proximum. Abulens. sup. Matth.  
tom. 5. fol. mihi 85.*

14 *Idem ibi.*

Moderado.

15 *Omnis excessus rerum, aut nocet,  
aut nihil prodest. Arist. Polit. 7.*

16 *Destruit excessus Principum, quod  
non destruxit exercitus inimicorũ.  
Padilha tit. luxuria & sobrietas.*

17 *Voi excessus, ibi regressus virtutis.  
D. August.*

18 *Superfluitas exterior, interioris  
vanitatis indicium est. D. Ber-  
nard. in Apolog.*

- 19 *Ita omnes SS. PP.*  
 20 *Plato Polit. 5.*  
 21 *Non minus sunt turpia Principi  
 multa supplicia, quàm medico multa  
 funera. Senec. de clement.*  
 22 *D. Greg. Magn. lib. 5. Moral.*

## N

## Noticioso.

- 1 **D** *Id. Greg. Magn. lib. 1.  
 hom. 3. sup. Ezech. Proph.*  
 2 *Quod deest experientia, super=  
 abundabit lectio. Firmia. de stud.*  
 3 *Alit lectio ingenium. Sen. epist. 86.*  
 4 *Omnino iniquum est studijs hone=  
 stari minoribus: Et eos, quos ar=  
 dua Et gravia expectant officia,  
 voluptatis, Et vanitatis occupa=  
 tionibus agitari. D. Chryf. de Cu=  
 rial. nug. Ma=*

\* *Mariz Dialog. 3. c. I. Dialog. 4. cap. 5. & sequentib.*

5 *Legentibus Deus loquitur. D. August. sup. Psalm. 48.*

Necessario.

6 *Nazianz. & Plin. junior lib. 8.*

7 *Communitas SS. PP.*

8 *Mariz, & Manoel de Faria Epitome nas suas vidas.*

Nacional.

9 *D. Anton. Domin. 4. Quadrag.*

10 *Plutarc. de Polit.*

11 *Mariz nas suas vidas.*

\* *Vide D. Anton. ubi supra.*

12 *Magna abusio est, ut corpus induatur, & contra regulam suis vestibus anima nuda deseratur. D. Bernard. in Apolog.*

13 *D. Aug. de 12. abusioib. & D. Bern. in apol.*

14 *Ibidem. L iij D.*

- 15 D. Cyprian. de 12. abusib.
- 16 Fontanus de abusio. ignorant.
- 17 Dominari ancillam, & ancillari  
Dominam magna abusio est. D.  
Bern. ubi supra.
- 18 Cæco lumen, surdo sermonem, sa-  
pientiam bruto offerre, labor irri-  
tus. D. Cyprian. supra.

## O

## Occupado.

- 1 **M** Agis caput desidiosū no-  
cet, quam cæterarū partiū  
prigritia. Adalerm. apud Venen-  
tium de cura & otio.
- 2 Otiositas mater est nugarum, &  
no verca omnium virtutum. Ipsa  
est, quæ virum fortem fortissimè  
præcipitat in reatum, &c. D.  
Bern. in serm. & l. 2. de consider.

- 3 *Mariz nas suas vidas.*
- 4 *Datur otiositas in occupatione, quando occupatio Principis non ad utilitatem, sed ad perniciem: Princeps verò semper quærit quæ ducunt ad gloriam sui, & utilitatem suorum. Chrinito Emebert de educat. Princip.*

## Orgulhofo.

- 5 *Vbi potestas, ibi maior alacritas; alacer enim Princeps debet esse, qui Princeps est. Raulin. in quod. sermon.*
- 6 *Elatio vero prudens, ornamentum est maiestatis. Cyril. de Vivar Apolog. advers. Iudæ.*
- 7 *Ibi. Tit. 4. de vigil. & execution.*
- 8 *Ibi. Tit. 7. de Fisco & eorũ partib.*
- 9 *Mariz Dialog. 4. cap. 11.*
- 10 *Ibi Dial. 4. cap. 22.*

## Ouvinte.

- 11 *Posse Principem omnium oculis cernere, & omnium auribus audire. Synesius in orat. ad regnum.*
- 12 *D. Dionysius de caelest. Hierarch. epist. 9.*
- 13 *Idem ibi.*
- 14 *Auditu, & non visu pervenitur ad notitiam veritatis. D. Bern. sup. Cant. serm. 23.*
- 15 *Aristot. de sens. & sensat.*
- 16 *Audiamus duplo, quam loquamur. Demosth. apud Stob.*
- 17 *Viridicus hist. natural. §. 46. & Bercorius verbo audire.*
- 18 *Reterod. in similib.*
- 19 *Duarte Nunes de Leaõ Chron. d'el-Rey D. Pedro fol. 176.*
- 20 *Doctrinam accipiamus, non mores: apibus herbae non sunt necessariae, sed*



*sed flores : sic & vos flores doctrinae colligite, & conversationem relinquit. D. Chrys. sup. Matth. homil. i. operis perfecti.*

## P

### Parco.

- 1 **S** *Enec. epist. 15.*
- 2 **S** *Erasm. in simili.*
- 3 *In cibo & vestitu hæc mensura teneatur, ut ne contra honestatem, ne supra necessitatem utatur, & sumatur. Quintanilha de claustro animæ, & instit. Monach.*
- 4 *Non cibus, sed luxus vituperandus est. D. Ambros. contra Manich.*
- 5 *Cur regina carēs spinis ubi alimēta sumis? Temperantia est stimulus sobrietatis, ideo virtus superiorum. P. Ormisma de Ossuna, serm. Domin.*

- Domin. I. Quadr. 92. & Cū jejun.
- 6 Plut. in convi. 7. sapi.
- 7 Temperantia facit abstinentem, parcū, & c. S. Prosp. de vita Cont.
- 8 D. Ambros. serm. 40.
- 9 Sectatur autem intemperantiam ordinis perturbatio, imprudentia, confusio, injuria, negligentia, dissolutio. Arist. de vitij & virt. divis.
- 10 Mali ideo vivunt, ut edant ac bibant: boni verò cibum sumunt, ac potū, ut possint vivere. Pl. de Poet.
- 11 Cicer. in Parad.
- 12 Divitiæ grandes sunt homini vivere parcè. Lucan. lib. 5.
- 13 Chron. d'el-Rey D. Ioaõ o I. & Mariz ibi.

Proveitoso.

- 14 Occupatio inutilis, non zelus, sed ludus, non occupatio, sed otiositas.

Quin-

- Quintan. sup. de instit. Monach.*
- 15 *Qui inutilis est omnibus, sibi utilis esse non potest. D. Ambros.*
- 16 *Ad utilitatem datur spiritus: 1. ad conservationem, negotiationem justam, & sollicitudinem rectam, tam in magna, quam in infima dignitate. Mich. Ausspurch. de Reg.*
- 17 *Utilitas quavis ratione oblata, repudianda non est, nisi pugnet cum honestate. Demosth. 1. Olynth.*
- 18 *Publica utilitas est cuilibet privilegio præferenda apud Iurisconsult.*
- 19 *Mariznas suas vidas, & Frey Rafael de Iesus na d'el-Rey D. Joaõ o IV. tom. 2.*

Pacato.

- 20 *Animum cogo sibi intentum esse, nec advocari ad extra, omnia licet foris resonent, dum intus nihil tumultus*

*multus sit, &c. Senec. epist. 56.*

21 *Idem lib. de Tranquil. anim. c. 15.*

## Q

### Quieto.

- 1 **P** Rinceps pacis, Princeps inter omnes, quia imitator Christi, qui est Princeps pacis. Prudentio sup. Ezech. cap. 13.
- 2 Nihil perniciosius Civitati, quam divisio, ut nihil melius quam unio. Plato de Republ.
- 3 Pacem volunt etiam qui vincere possunt. Livius lib. 1. Dec. 1.
- 4 Melior est tutior pax, quam sperata victoria. Idem lib. 10. Dec. 3.
- 5 Ne tot annorum felicitatē in unius horæ dederis discrimen. Idem ibi.
- 6 Leges, aut judicia esse non possunt sublata pace. Cicer. Philip. 8.

Pacis

- 7 *Pacis fulgor Ecclesiam illuminat.*  
*Chryf. ho. 3. sup. epist. ad Coloss.*
- 8 *Pacem amâtes, Deum qui est Au-*  
*thor pacis, amant. S. Isid. epist. 41.*
- 9 *Nequaquam Imperator ita paci*  
*credat, ut non se præparet bello.*  
*Vegetius.*
- 10 *Mariz na sua vida.*
- 11 *Melior est talis pugna, quæ Deo*  
*proximum facit, quàm pax illa quæ*  
*separat a Deo. Erasmm. in epist.*
- 12 *Pax vera est concordiam habere*  
*cum moribus probis, & litigare*  
*cum vitijs. Cassiod. sup. Psalmos.*  
*bem Quisto.*
- 13 *Apud Jurisconsult.*
- 14 *Sic est vulgus: ex veritate pauca,*  
*ex opinione multa judicat. Cicer.*  
*pro Rosc.*
- 15 *Veritas apud se se vincit: opinio*  
*autem*

*autem apud exteros. Arist. epist. ad Stob.*

16 *Dionys. Halic. lib. 3.*

17 *Perturbant homines non res ipse, sed rerum opiniones. Arist. epist. apud Stob.*

18 *Senec. de vita Beata.*

19 *Opinio infinitos perdit. Stob.*

20 *Mariz na sua vida.*

*Quotidiano.*

21 *Qui amat quotidie, nō fingit amorem: siquidem qui quotidie dispendit, thesaurum non acquirit, nec ambitionem dissimulat, &c. Ioan. de Ormiza, tract. de libro rationabili cap. 3.*

22 *Faria Epit. & Mariz, & Fr. Rafael na sua vida.*

## R

## Reformado.

- 1 **C**Ornel. Tacit. l. 3. Petrar. lib. 5. epist. 11.
- 2 Senec. epist. ad Lelium.
- 3 Omnes scimus morituros, sed non omnes metu mortis se abstinent à vitijs. Ribeira serm. 4. ser. Ciner.
- 4 Stellæ cadent, Sol obscurabitur: unde in cœlestibus dignitatibus simul apparet justitia, ne tu veniam speres. Idem serm. D. 1. Advent.
- 5 Mariz nas suas vidas. Paral. de Princ. c. 47. & 49. & Faria Epit.

## Reportado.

Loquax nunquã strenuus, & magnificus; magnificentia verò sub silentio lucet, operatur, &c. Ranzlin. in quod. serm.

- 7 *Lingua non discrepat à mente. Desmet. Phaler.*
- 8 *Linguae præire animo non permit-  
tendum. Chilo apud Diog. lib. 1.*
- 9 *Quod facere institueris, noli præ-  
dicare, nam si facere nequiveris,  
rideberis. Pithag. apud Diog. sup.*
- 10 *Plin. jun. lib. 1. epist.*
- 11 *Sermones proferamus libra justitiæ  
examinatos, ut sit gravitas in  
sensu, in sermone pondus, atque in  
verbis modus. D. Amb. 3. officior.*
- 12 *Diu considera quid loquendum est,  
& adhuc tacens provide, ne quid  
dixisse pæniteat. Tertul.*
- 13 *Horat. de Arte Poet.*
- 14 *D. Amb. sup. Beat. immacul.*
- 15 *D. Hieron. sup. 12. Proph. lib. 2.*
- 16 *Etenim Sacramentum Regis ab-  
scondere bonum est. Tobia 12. v. 7.*



17 *Est tempus quando nil, & est tēpus quando aliquid est dicendum: nullum verò tempus est, quando sunt omnia. D. Hieron.*

Reverente.

19 *Bobadilh. tom. i. Polit. l. 2. c. 7. n. 1.*

20 *Ibi numero 3.*

21 *Ibi numero 4.*

22 *Duarte Nunes na vida d'el-Rey D. Affonso III. & Mariz na de El-Rey D. Sancho II.*

23 *Phil. Juda. lib. de Sacerd. honorib.*

24 *Sic nos existimet homo ut ministros Christi, & dispensatores ministeriorum Dei. 1. ad Corinth. cap. 4.*

25 *Mariz na sua vida.*

26 *Qui vos audit, me audit: & qui vos spernit, me spernit. Luca 10.*

27 *Mariz na sua vida.*

28 *Duarte Nunes de Leaõ Chron.*

d'el=Rey D. Affonso Henriq. Pina:  
 Chron.d'el=Rey D. Affonso V. c.  
 188. Faria na vida d'el=Rey D.  
 Joaõ o II.

## S

## Sabio.

- 1 **N**emo magnus in potestate  
 cum stultitia. Plutarc. de  
 mort. Alex.
- 2 Quum Princeps ipse nullam habet  
 rerum cognitionem, qui si vel in-  
 genio valeret, vel librorum lectio-  
 ne quaesitam haberet aliquam pru-  
 dentiam, non temerè circumveniri  
 posset, &c. Philipp. Comin. lib. 7.
- 3 Nulla maiori clade populum Deus  
 affligere potest, quàm si Principem  
 ei praeficiat stolidum, & imperi-  
 tum. Nam quia tutius ab aliorum  
 arbi-

arbitrio ille pendeat, noscuntur factiones, &c. Idem lib. 5.

4 Hugo de claustro animæ lib. 2.

5 Veluti gubernatores vëtorum mutationibus se accõmodant navigari: sic vir reuera sapiens. Aristonim. apud Stobæ. ser. 1. de Prud.

6 D. Basil. lib. de Abrah.

7 Ubicunque accesserit sapiens, ubique civis est. D. Amb. epist. 36. ad Constant.

8 Antonio de Souza de Macedo, Armonia Polit. p. 3. §. 11. n. 2.

9 Flores de Hespanha c. 8. fol. 66.

10 Geminiamus in Exempl.

11 Armon. Polit. ubi sup. n. 4. & Severim na vida de Ioaõ de Barros, fol. 53.

Sofrido.

12 Tolerantiam hïc, fortitudinis specie

- ciem in ferendis malis statuimus,  
 &c. Anonymus.
- 13 Plerumque Princeps justus malorum errores dissimulare voluit, non quòd iniquitati eorum consentiat, sed quòd ad tempus correctionis expectet, quando eorum vitia emendare, vel punire valeat. D. Isidor. lib. 2. de summ. bono.
- 14 Magnū malum est ferre non posse malum. Bion. apud Diog. lib. 4.
- 15 Impatientia sepè inimica est potestati. D. Greg. Mag. 20. Moral.
- 16 Magna gloria si cui nocere potuisti, parcas. Hug. lib. 3. de Anima.
- 17 Non est perfectè bonus, nisi qui fuerit etiam cum malis bonus. D. Greg. Magn. in homil. Cum audieritis.
- 18 Marius Escolar. de bonitate, &  
 clez

- clement. tract. 3. §. 4.
- 19 D. Ambros. sup. Beat. immacul.
- 20 Beatus Iob quot voces patientiæ  
in laudem Dei percussus reddidit,  
quasi tot in adversarij pectore ja-  
cula intorsit. D. Greg. Magn. in  
Moralib.
- 21 Idem sup. Ezech.
- 22 Philippus de Espin. tract. de pa-  
tient. §. ex Coronis n. II. & Brit-  
to 2. p. da Monarquia Lusitana.  
Duarte Nunes na Descripção de  
Portug. Vasconc. Descript. Lusit.
- 23 Ibidem.
- 24 Viridic. sup. tract. de plantis.

## Secreto.

- 25 Qui regit, audit, non publicè re-  
velans, sed cautè discurret. Au-  
dire & dicere, non Regis, sed pu-  
blicani non sapientis, & indocti,

*pars est. P. Ambros. de Monte Olivet. tom. Quadragesimal. in serm. Transfig. Nemini dixeritis.*

## T

### Tratavel.

- 1 **Q**uid prodest aestimatio Carbunculi, cum sit ex nomine, & non scientia: sic opinio intractabilis, quamvis ex se sit vera, &c. *Vergomens: lib. 2. de Fama, & ejus abusioib.*
- 2 *Epictetus apud Stob. incipiēs: Hominem quicum conuerseris tribus modis considera, &c.*

### Timorato.

- 3 *D. August. cont. Pel. lib. 2.*
- 4 *Anchora mentis pudor timoris. D. Greg. Magn. 22. Moral.*
- 5 *Geminian. lib. 9. de Artificib. c. 76.*  
Cassio=

- 6 *Cassiod. sup. Psalm. 32.*
- 7 *In via Dei à timore incipitur, ut ad fortitudinē veniatur. D. Greg. Magn. in Moral.*
- 8 *Potestas tanto premi interius debet, quanto exterius eminent. Idem 26. Moral.*
- 9 *Noveris te, ut Deum timeas, &c. D. Bern. sup. Cantic. serm. 37.*
- 10 *D. Xavier Titu. sup. Catholic. & Fr. Hieron. Romam. Republ. lib. 4. cap. 18.*
- 11 *Gregorius de Hesthen. in vita Regum Titulo Lusitania n. 30.*

Temido.

- 12 *Imperium non est experiendum, cujus vis est in consensu obedientium. Livius lib. 2. Decad. 1.*
- 13 *In distributione potestatis cognoscitur firmitas Reipublicæ. Xenoph.*

- 14 *Incaute agit qui ex potestate medicinam non facit, &c. Galenus de Republ. consid. 30. n. 60.*
- 15 *Efficiat Princeps, ut subditi metuant, non ipsum, sed pro ipso. Piat. apud Stob.*
- 16 *Herodot. lib. 3.*

## V

## Virtuoso.

- 1 **R**eges a rectè agendo vocati sunt: ideoque rectè facièdo Regis nomen tenetur, peccando amittitur. S. Isid. l. 3. de sum. bono.
- 2 *D. Bern. lib. 3. de Quadrag.*
- 3 *Unusquisque studiosè curat, ut ex vite meritis sibi fides habeatur. Agesilaus apud Plut. in Apoph.*
- 4 *D. Greg. Magn. l. 46. Moral. sup. illud Iob. 6. Reges in solio collocat, &c.*



- 5 *Summus locus benè regitur, cum is qui præest, vitijs potius, quàm fratribus dominatur. Greg. Mag. 26. Moral.*
- 6 *Cyrus arbitrabatur sibi virtutem colendam esse. Nec enim fieri posse putabat, ut si quis talis ipse non sit qualem oporteat, alios ad præclaras, & laudabiles actiones excitaturum. Xenoph. de inst. Cyr. l. 8.*
- 7 *Idem sup. illud Iob. 3. Cum regibus & consulibus terræ.*
- 8 *Duo sunt quæ ab egregijs Principibus expectantur: sanctitas domi, in armis fortitudo, utrobique prudentia. Sex. Aurel. Victor. Trajan.*
- 9 *Emitur sola virtute potestas. Claudian. de 3. Conf.*
- 10 *Plutarc. l. de Tuend. bon. valetud.*
- 11 *Ibi.*

- 12 *Mariz Dialog. 4. cap. 12.*  
Vigilante.
- 13 *Navis semper fluctuans Regnum dicitur: ò quàm periculosa est potestas! undique spina pungüt, in pace otium, &c. Bias de Regno lib. 3.*
- 14 *Potestas culminis, est tempeestas mentis. D. Greg. Magn. in Pastor.*
- 15 *Vigilia est dispositio, in qua anima imperat sensibus, & virtutibus exterioribus, & movet voluntariè ad operandum. Secundũ Avicen.*
- 16 *D. Ambros. in suo Pastoral.*
- 17 *Viridicus sup. §. 30.*
- 18 *Ibi §. 31. & 30.*
- 19 *Mariz Dialog. 3. cap. 4.*  
Vencravel.
- 20 *Magnorum virorum non minus utilis est præsetia, quàm memoria. Senec. epist. 102. & v. Cassiod. l. 3. epist. 6.*

21. *Gravitas vultus signum decoris,  
& virtutis. Bias apud Stob.*

# X

*Xavier*

Por affecto.

1. **S**anctum hunc Benedictum contingis, & Italum, & Austrium: Austriacum quippe genus à Beati Benedicti progenitoribus oriri, notissimum est. Ioann. à Bosco in dedicat. Bibliot. Floriacens. Ego ex varijs Author. fide dignissimis certo didici, Austriorum familiam nobilissimam, & antiquissimam, eodem cum D. Benedicti sanguine procreatam. Arnold. Vbion. in dedic. Ligni vitæ t. 1
2. Consta da Illustrissima Arvore do Palatinado, & Casa de Austria.

Dez

- 3 *Devotio unguentum est, animæ do-  
lorem leniens. D. Bernard. supra  
Cant. serm. 16.*
- 4 *Vt expellas infirmitatem, devotio-  
nem auge, quare enim virtutes  
Sanctorum secundum distributio-  
nem spiritus, quia alijs dedit spi-  
ritus sanitatis, &c. P. Gabriel à  
Souz. in serm. omn. Sanct. §. ult.  
tom. 2.*
- 5 *Faria na sua vida.*  
Por imitação.
- 6 *Qui Sanctorum merita religiosa  
charitate miratur, quicumque ju-  
storum glorias frequenti laude col-  
loquitur, eorum mores sanctos, at-  
que justitiam imitetur, &c. D.  
Ioan. Chrysof. serm. de Conf.*
- 7 *Quæ est ista justitia, sanctos cole-  
re, & sanctitatem contemnere?*

*Sine causa ergo justos honorat, qui  
justitiam spernit. Idem sup. Mat-  
th. cap. 24.*

- 8 *Debemus etiam vitam ejus atten-  
dere: quia homo ille similis nobis  
fuit passibilis, ex eodem luto forma-  
tus ex quo & nos. Quid ergo est,  
quod non solum difficile, sed impos-  
sibile credimus, ut faciamus opera  
quæ fecit, ut sequamur vestigia  
ejus? D. Bernard. in quod. serm.*
- 9 *Vide Massæum hist. Indiæ latè.*

## Z

### Zeloso

Do serviço de Deos.

- 1 **F** *Ructuosus zelus in amore  
Dei radicatur. D. Bernard.  
in serm.*

- 2 *Zelus amaritudinis, pallium ini-  
miciz*

*micitia. D. Anselm. lib. 3.*

3 *Zelus floridus, fructiferus, & a-  
menus procedit ex amore Dei, &  
proximi. Alanus de Rupe.*

4 *Zelum tuum inflammet. charitas,  
informet scientia, firmet constan-  
tia: sit fervidus, sit circumspectus,  
sit invictus, &c. D. Bernard. sup.  
Cantic.*

5 *Idem ibi.*

6 *Nullum Omnipotenti Deo tale est  
sacrificium, quale est zelus anima-  
rum. D. Greg. sup. Ezech.*

7 *Esca justorum est conversio pec-  
catorum. Idem 4. Moral.*

Da observancia das Leys.

8 *Zelus est fervor animæ ad com-  
passionē naturæ, &c. Hug. in Ioel.*

9 *Zelus veniam negans, furor est.  
D. Chrys. Hom. de nomin. Abrah.*

*Ze-*

10 *Zelum tēperare, misericordia. Ibi.*  
 11 *Mariz, & Duarte Nun. na sua  
 vida.*

12 *Plato epist. 9. & l. 1. de inventio.*

13 *Leges inobservatae, corpus sine a=  
 nima, caput sine mente, oculus sine  
 luce. Zorita pro Cluent. lib. 3.*

Do bem cominum.

14 *Humilis sibimetipsi utilis. Erasim.*

15 *Ingens est gloria Principis morien=  
 tis Rempublicam magis amasse quā  
 filios. Fla. Vepisco in Tacito.*

16 *Princeps à justo nec nomine, nes  
 vita differt, si Princeps Dei est,  
 & non mundi, si Pater, & non  
 Tyrānus, si Christianus, & non  
 Hæreticus. P. Christoph. de Utino  
 in serm. de quinque Vulner.*

FINIS.

Chlorine  
Oxidation

Chlorine

Chlorine

Chlorine